

**A NARRATIVA DO RELIGIOSO EM *VINO E PANE*
DE IGNAZIO SILONE**

EDVIGE DI PAOLO

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Neolatinas. (Estudos Literários Neolatinos, opção: Literatura Italiana)

Orientadora: Prof^a. Dr^a: Flora De Paoli Faria

Rio de Janeiro
Julho de 2008

A Ignazio Silone
per la comune origine
Abruzzese-molisana
e i comuni ideali

AGRADECIMENTOS

A Deus, cuja presença e parceria experimento em cada capítulo na narração da história de minha vida.

Aos meus pais, Dario e Maria; a Lucia, Sergio, Alessia e Gabriele, minha família, pelo apoio incondicional.

À Professora Flora de Paoli Faria, minha orientadora, pela sua disponibilidade e a paciente obra de 'tradução' do texto e da cultura.

Às Professoras Maria Lizete e Sonia, e aos demais professores, pela preciosa e repetida ajuda nestes anos de Mestrado.

A Vicente, amigo, pelo carinho e a admiração.

À Albani, presença amiga, verdadeira e constante.

Às colegas do Curso: Priscila, Ana Cristina, Luciana, Marinês, Susanna, Rossana, pelos tantos conselhos e pelo companheirismo amadurecido nestes anos.

À Luciane, Regina, Suzana e às demais amigas e amigos que de maneira diferente acompanharam e apoiaram a realização deste trabalho.

Ao Centro Studi Ignazio Silone de Pescina (Aq) que em ocasião de minha visita disponibilizou documentos e textos para esta pesquisa

À CAPES por financiar parte da pesquisa.

FICHA CATALOGRÁFICA

Di Paolo, Edvige

A narrativa do religioso em *Vino e Pane* de Ignazio Silone.

Edvige Di Paolo. Rio de Janeiro, 2008. 90 fls.

Dissertação (Mestrado em Literatura Italiana)

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras.

Orientador: Profa. Dra. Flora De Paoli Faria

1. Introdução. 2. Ignazio Silone: trajetória de vida e arte. 3. O romance *Vino e pane*: retratos, paisagens e tradições. 4. A religiosidade siloniana e o texto literário. 5. Considerações finais. Bibliografia.

Dissertação de Mestrado

Faria, Flora De Paoli (Orientadora).

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação em Letras Neolatinas. A narrativa do religioso em *Vino e pane* de Ignazio Silone

DI PAOLO, Edvige. *A narrativa do religioso em *Vino e pane* de Ignazio Silone*.
Dissertação de Mestrado em Literatura Italiana. Curso de Pós-Graduação
em Letras Neolatinas. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ, 2008, 90
páginas.

RESUMO

Este trabalho objetiva verificar a questão religiosa na narrativa siloniana, principalmente na obra *Vino e pane* (1936), pois esse é um tema de grande incidência em toda a produção de Ignazio Silone, escritor italiano do século XX. A pesquisa se sustenta com os pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin para o estudo da narrativa siloniana; com as contribuições de Sebastiano Martelli e Salvatore Di Pasqua para o estudo da linguagem simbólica e da Prof^a. Doris Nátia Cavallari na compreensão da personagem siloniana, Pietro Spina, o protagonista da obra citada. Esta proposta de trabalho mostra uma infinidade de polêmicas relativas ao “caso Silone” produzido pelos críticos italianos. Para isso, se reforça o estudo do percurso histórico da Itália no século XX, que permite compreender o contexto sociocultural italiano e o fazer literário dos escritores da Península, além de ajudar a ver a posição da crítica italiana no que concerne à produção literária de Silone. Parte-se da hipótese de que a religiosidade siloniana se distancia da religião católica oficial para obter traços de uma religião utópica e de esperança. Confirma-se essa hipótese observando o distanciamento da religiosidade siloniana em relação à religião católica e seus dogmas. Embora se possam encontrar marcas da religiosidade nas citações de textos sagrados e na narração de tradições, a caminhada literária de Silone mostra uma religiosidade que afunda suas raízes nos valores do cristianismo primitivo.

DI PAOLO, Edvige. *A narrativa do religioso em *Vino e pane* de Ignazio Silone*.

Dissertação de Mestrado em Literatura Italiana. Curso de Pós-Graduação em Letras Neolatinas. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ, 2008, 90 páginas.

RIASSUNTO

Il presente studio si propone l'obiettivo di verificare l'aspetto religioso nella narrativa siloniana, principalmente in *Vino e pane* (1937), poiché è un tema di grande incidenza in tutta la produzione di Ignazio Silone, scrittore italiano del XX secolo. La ricerca si appoggia sui presupposti teorici di Mikhail Bakhtin per lo studio della narrativa siloniana, sugli approfondimenti di Sebastiano Martelli e Salvatore Di Pasqua per lo studio del linguaggio e della Prof.ssa Doris Nátia Cavallari per la comprensione del personaggio siloniano, Pietro Spina, il protagonista della citata opera. Si ritiene che questa proposta di studio evidenzi le polemiche relative al "caso Silone", creato dai critici italiani. Per questo si ritiene utile dare uno sguardo alla situazione storica dell'Italia nel XX secolo per comprendere il contesto socioculturale italiano e la produzione letteraria degli scrittori della Penisola e per aiutare a comprendere la posizione della critica italiana per ciò che riguarda la produzione letteraria di Silone. Si parte dall'ipotesi che la religiosità siloniana prenda le distanze dalla religione cattolica ufficiale e assuma i tratti di una religione dell'utopia e della speranza. Si conferma tale ipotesi poiché si osserva il distanziamento della religiosità siloniana in relazione alla religione cattolica e ai suoi dogmi. Nonostante appaiano tratti legati alla religione come citazioni di testi sacri, narrazioni di tradizioni religiose, il percorso letterario di Silone mostra una religiosità che affonda le sue radici nei valori del cristianesimo primitivo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1	11
IGNAZIO SILONE: TRAJETÓRIA DE VIDA E ARTE	11
1.1 O homem e a terra	11
1.2 A Itália, o Abruzzo e a experiência siloniana	18
1.3 O texto siloniano: censura e aceitação	24
1.4 A originalidade do fazer literário siloniano	32
1.5 As temáticas recorrentes na obra siloniana	39
CAPÍTULO 2	45
O ROMANCE <i>VINO E PANE</i>: RETRATOS, PAISAGENS E TRADIÇÕES DO UNIVERSO ABRUCÊS	
2.1 Retratos, paisagens e tradições na terra do Abruzzo	45
2.2 Homens e personagens: Pietro Spina símbolo do universo ficcional da produção siloniana.....	53
CAPÍTULO 3	63
A RELIGIOSIDADE SILONIANA E O TEXTO LITERÁRIO	63
3.1 O texto siloniano e as marcas da religiosidade	63
3.2 A religiosidade siloniana: entre utopia e esperança	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe o estudo da narrativa do religioso em *Vino e pane* de Ignazio Silone (1900-1978). A motivação que nos moveu para esta pesquisa foi o desejo de aprofundar e resgatar opiniões e posições sobre esse controvertido autor italiano do século passado e oferecer mais uma contribuição para o estudo desse escritor.

É nosso desejo, também, por meio deste trabalho, fazer uma homenagem a esse escritor, que tem como origem a mesma região de que descendemos que, inicialmente, chamava-se Abruzzo e Molise. Este estudo, portanto, vai nos proporcionar uma volta aos ambientes preservados na memória e, vai nos oferecer, a possibilidade de refazer o percurso siloniano e fazer também retorno às recordações da infância e às lembranças de ideais da juventude.

No desenvolver deste trabalho nos valeremos de outras pesquisas já realizadas em âmbito acadêmico. No entanto, é nosso objetivo examinar a questão religiosa na narrativa siloniana, pois, em nosso ponto de vista, esse tema é de grande incidência em toda a produção do escritor, e, mais objetivamente, em *Vino e pane*.

Nossa proposta de trabalho, cujo foco central é o exame de *Vino e pane*, têm consciência, poderá descortinar uma série de polêmicas ao centrar seu olhar em questões política e religiosa.

No primeiro capítulo deste trabalho apresentaremos a trajetória da vida e da arte de Ignazio Silone, inserido no complexo contexto italiano do século passado.

Um dos intelectuais italianos do conturbado século XX, Silone não se submeteu a nenhuma ideologia dos anos pré e pós-bélicos, ou seja, não se aliou a nenhuma corrente política partidária, religiosa e literária. Esse fato lhe valeu, naturalmente, muita censura e dada a sua participação no cenário cultural italiano daqueles anos, foi criado, pela crítica italiana, por conta disso, um problema conhecido como o “caso Silone”.

No primeiro capítulo se examinará, ainda, o nascimento do texto literário siloniano, mostrando a originalidade de sua escrita, através de um passeio por algumas de suas obras, fato que nos ajudará a encontrar as temáticas recorrentes de sua produção.

No segundo capítulo enfocaremos a obra *Vino e pane*, buscando os retratos de paisagens, personagens e tradições que compõem essa narrativa. O escritor abrucês constrói retratos de paisagem em seus romances e apresenta o mundo simples dos camponeses da Mársica, região da Itália. Desse modo, conseguiremos obter uma imagem “realista” do *meridione* italiano nos anos da ocupação fascista.

A narrativa siloniana prossegue sempre por pequenos passos, com descrições gradativas e ordenadas. De fato, o autor escolhe como modelo de narrativa a arte de tecer; conta a história de seus conterrâneos com a habilidade das tecelãs conhecidas na sua infância. Delas, o escritor, aprendeu a tramar fatos e acontecimentos, a fim de tecer suas histórias.

Silone objetiva uma comunicação que seja o mais aderente possível ao mundo e à realidade retratada em seus romances. Ele renuncia à criar uma vida fictícia para seus personagens e a retratar descrições superficiais de paisagens e costumes. Em sua obra de ficção ele se atém à realidade chamando cada coisa com seu próprio nome, trazendo para a escrita, fatos e acontecimentos reais.

Para o estudo da narrativa siloniana, nos valeremos da teoria de Mikhail Bakhtin que nos fornecerá o suporte necessário para a análise de *Vino e pane*, obra que será analisada a partir do conceito de *polifonia* por se encontrar nela uma grande presença de fábulas, lendas e provérbios populares. É desse encontro entre a cultura oficial e os elementos da cultura popular que nasce a narrativa do romance que retrata a inserção do homem na história, tornando-o construtor de seu próprio destino.

Ignazio Silone traz para sua narrativa as crenças antigas provindas do subsolo cultural da religião católica, muitas vezes, carregadas de superstição. As contribuições de Sebastiano Martelli e Salvatore Di Pasqua nos auxiliarão no estudo da linguagem simbólica, bastante relevante na narrativa siloniana, em geral e em *Vino e pane*, em particular.

A pesquisa da professora Doris Nátia Cavallari nos será de grande ajuda no estudo da personagem siloniana Pietro Spina, protagonista-símbolo do romance que será objeto de nosso estudo. Este, em diálogo com o mundo circunstante, recupera seu passado e reorganiza seu mundo interior.

No terceiro e último capítulo buscaremos estudar as marcas da religiosidade siloniana dentro do texto literário e observar as características próprias

da narrativa do escritor abrucês. O estudo dos recursos narrativos de maior incidência nos aproximará da linguagem típica do mundo camponês e nos permitirá entender a realidade que o escritor pretende contar.

A religiosidade sioniana aparece dentro da narrativa de *Vino e pane* a partir do resgate de elementos simbólicos presentes no mundo das personagens por ele retratado. O próprio título contém um forte valor de signo que o escritor usa repetidamente na sua história.

Pretendemos mostrar, todavia, como a religiosidade sioniana, se distancia da religião católica oficial para assumir os traços de uma religião utópica e de esperança, numa síntese entre os princípios do socialismo e os valores religiosos católicos.

CAPÍTULO 1

IGNAZIO SILONE: TRAJETÓRIA DE VIDA E ARTE

1.1 O homem e a terra

A produção artística de Ignazio Silone mostra-nos que em várias situações é possível detectar elementos de sua biografia em seu texto. Lembramos, também, que os personagens de suas histórias são, geralmente, seus conterrâneos e suas narrativas constituídas de personagens e paisagens que podem ser melhor entendidos em seu próprio contexto.

Consideramos de grande importância essa viagem à terra natal do escritor abruçês, pois é no período de sua infância/adolescência que se constituem e formam características de sua personalidade, presentes em toda sua obra. Nesse sentido específico vale lembrar que nosso interesse maior se detém no elemento religioso, entendido por nós como um dos pilares de sua discursividade, sendo os outros dois o apego à terra natal e sua participação política.

Ignazio Silone nasceu em 1º de maio de 1900, em Pescina dei Marsi, numa cidadezinha da Mársica, na província de Áquila, filho de uma tecelã e de um pequeno produtor agrícola. Foi registrado com o nome de Secondo Tranquilli, um nome que mais tarde será substituído por um pseudônimo que, anos depois, se tornará seu nome definitivo e legal.

Silone é um escritor profundamente ligado à sua terra, à sua região, ao seu povo. Sua obra literária fornece um retrato da condição humana e social em que vivia o povo do Abruzzo há pouco mais de 50 anos. Com reconstruções atentas e pontuais de ambientes e histórias, seus romances se tornam fonte do patrimônio da memória coletiva.

A vida dos povoados e de seus habitantes, retratados por Silone em seus romances, seguia o ritmo natural da seqüência das estações e de luta pelo pão de cada dia. Embora essa terra natal fosse pouco generosa para com o trabalhador – oferecia-lhe apenas o necessário para a sua sobrevivência –, o apego a ela passava de pai para filho, os mais novos aprendiam com seus pais a amá-la e a respeitá-la.

Em seu livro *Uscita di sicurezza* (1965), Silone recorda a emoção de sua primeira ida ao campo em companhia do pai. O fato narrado em primeira pessoa

segue os estágios de uma cerimônia de iniciação, reforçando, assim, a profunda ligação do homem do campo ao solo natal.

Nella luce pallida dell'alba, la mole grandiosa dei buoi, la semplicità e rudezza degli oggetti caricati per la giornata – l'aratro, il sacco di fieno, i barili d'acqua e di vino, il canestro col cibo – e, l'improvviso, rituale, eppure inaspettato canto del gallo, mi sembravano i segni della gravità della vita in cui stavo per essere ammesso¹.

Desse primeiro contato com a terra, o escritor relembra as recomendações da mãe. Ela insistia que prestasse atenção ao sol muito forte, principalmente para quem, pela primeira vez, se expunha aos raios por ele emanados, trabalhando no campo.

Essa passagem do livro nos permite observar, ainda, a ansiedade e o cuidado com que essa ida ao campo é preparada. Mais uma vez é possível verificar o profundo sentimento que caracteriza a ligação do homem à terra e o profundo respeito pelas leis da natureza.

A lembrança da mãe está ligada ao ambiente familiar, ocupada nos afazeres domésticos, como era costume das mulheres daquela região, além de seu trabalho de tecelã. Por isso Silone, que desde criança acompanhara essa atividade, define o tecer como uma arte que se assemelha à arte de contar.

A imagem do pai e as lições aprendidas com ele retornam com frequência nos textos silonianos. Aparece, portanto, uma figura paterna com traços fortes, que se distingue pela honestidade, pela justiça e pela compaixão com os injustiçados.

Nas obras que tratam da biografia do autor, ou ainda em *Uscita di sicurezza*, verificamos que, ainda adolescente, Ignazio Silone viveu uma experiência que marcará profundamente sua vida. Foi um terremoto, um dos mais violentos da história daquela região, acontecido em 1915, destruindo uma vasta zona da Mársica. Essa terrível experiência será revivida em vários momentos, já que a maior parte da população levará muitos anos para abrandar a dor e a memória da perda de amigos, parentes e bens materiais. Durante muitos anos a geografia da região pontuará essa amarga recordação. A tragédia sem precedentes havia devastado e matado mais de trinta e três mil pessoas, entre elas alguns familiares do escritor; salvaram-se apenas,

¹ SILONE, Ignazio. *Uscita di sicurezza*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 2001, p. 6.

além do escritor, um irmão e a avó já idosa. Uma catástrofe que em poucos segundos tinha marcado para sempre a história, a paisagem e o coração das pessoas.

A memória do garoto ficou muito abalada pelo acontecimento, por suas conseqüências, pelos gestos heróicos e covardes que presenciou. Em meio às ruínas, entre devastação e morte, um parente dele contou ter roubado dinheiro do armário de sua própria mãe.

Anos mais tarde essa lembrança ainda o faz sofrer, conforme verificamos em seu relato: *In quelle notti gelide dopo il terremoto, si sentivano i lupi ululare, sempre più vicini. Uomini e lupi e uomini che diventano lupi. Ma anche uomini che accendono la speranza*².

Ao lado dessas amargas lembranças encontramos também fatos positivos. De fato, é nessa circunstância tão triste que o nosso autor conheceu e presenciou um ato de heroísmo que nunca irá esquecer. Em meio às casas destruídas e mortos por toda parte, no frio e na lama, um padre buscava oferecer alívio e um lar para as crianças que haviam perdido os pais. Com voz e atitudes decididas, o padre pediu o carro da polícia para transportar essas crianças para um lugar aconchegante, oferecendo-lhes, assim, a possibilidade de um futuro melhor. Anos mais tarde, em outros trilhos da vida, Silone encontrou-se com *uno strano prete*, que era Don Orione, o mesmo que, nos amargos dias após o terremoto, socorrera as crianças órfãs. Esse encontro, numa viagem de Roma para Gênova, assiste ao nascimento da amizade entre um padre generoso e compreensivo e um jovem rebelde que, por ter tentado fugir de um internato, estava sendo transferido para outra cidade e para outro colégio.

Precisamos dizer que a personalidade desse padre, seu exemplo de amor e altruísmo, suas palavras e a compreensão para com o jovem, naquela noite de viagem, foram tão marcantes que acompanharam o escritor pelos caminhos tortuosos da vida, conforme se verifica no exemplo abaixo:

Ricordati di questo, Dio non é solo in Chiesa. Nell'avvenire non ti mancheranno momenti di disperazione. Anche se ti crederai solo e abbandonato, non lo sarai. Non dimenticarlo³.

² CURGO, Ottorino; DE CORE, Francesco. *Silone l'avventura di un uomo libero*. In: DI NUCCI, Floriana. *Analisi del linguaggio politico in 'Uscita di sicurezza' di Ignazio Silone*. Tesi di Laurea. Regione Abruzzo, 2005, p. 36.

³ SILONE, Ignazio. *Uscita di sicurezza*, 2001, p. 31.

Dessa forma, podemos pensar que essas palavras e a visão religiosa que nelas identificamos se fazem presente na obra que escolhemos aprofundar neste trabalho.

Ainda, nas páginas de *Uscita di sicurezza*, encontramos um relato que nos diz da força inquebrantável do povo abrucês, que, apesar da dor e do sofrimento segue adiante.

Non era gente vile o fiacca. La rigidità del clima, la pesantezza del lavoro, la sobrietà del tenore di vita l'avevano resa assai tenace e dura. Ma pesavano su di essa secoli di rassegnazione, fondati sulla violenza e gl'inganni. [...] Gli animi umiliati e offesi erano capaci di subire senza lamentarsi i peggiori soprusi, finché non esplodevano in rivolte improvvise⁴.

Tal como ocorre até hoje, mesmo nas sociedades bem-estruturadas, as atividades de reconstrução pós-terremoto foram lentas e marcadas por tropeços e pelo desvio de fundos destinados à reorganização da região. Para o nosso autor, esse período foi uma grande escola, permitindo-lhe viver ao lado dos *cafoni* de sua terra, abandonados e enganados pelas autoridades políticas locais. Ainda, em *Uscita di sicurezza*, Silone conta como foi o início de sua luta pela reivindicação dos direitos negados aos camponeses. Estes, agregados numa liga, costumavam se reunir para discutir e tomar decisões em defesa de seus próprios direitos.

A convocação para as reuniões era promovida pelo som de uma trombeta. Ao ouvir esse som, as mães se preocupavam e se apressavam a chamar seus filhos de volta para casa, temendo a possibilidade de uma reação.

O som da trombeta lhe parece ser outro apelo, era a voz que o chamava a assumir seu papel na luta. Começa, então, a frequentar as reuniões, embora fosse ainda estudante e muito jovem. Naquela época o escritor era um adolescente que, de repente, se via quase sem família, com os estudos interrompidos e sem perspectivas para o futuro. Decidido e rebelde por natureza, consegue descobrir os responsáveis pelas fraudes e pelos roubos do dinheiro para a reconstrução e busca uma maneira para denunciar mais essa corrupção. No entanto, não encontra apoio entre os seus concidadãos, que o aconselharam a escrever para um jornal.

⁴ SILONE, Ignazio. 2001, p. 65.

De fato, é essa decisão que o faz escrever três artigos de denúncia clara, com nomes e com as fraudes cometidas, que são publicados no jornal *Avanti*, de cunho socialista. As conseqüências não foram as esperadas pelo autor, já que nenhuma providência foi tomada, levando o jovem a concluir que a corrupção se encontrava em todos os grupos, tanto da esquerda quanto da direita. Mas esta foi, sem dúvida, a oportunidade de iniciar seu estágio como militante revolucionário.

A denúncia no jornal *Avanti* lhe dá a sensação de ter descoberto o caminho da revolução política, a via justa para a criação de uma sociedade livre. Tal descoberta o leva a interromper os estudos, a deixar sua terra e a se mudar para Roma.

Na capital se dedica completamente à atividade política. Em 1917, torna-se diretor do jornal romano *L'Avanguardia*, um periódico socialista e pacifista. Rapidamente o jovem assume tarefas de responsabilidade na organização partidária.

Em janeiro de 1921, seu nome está entre os fundadores do Partido Comunista Italiano, como representante da Juventude Socialista, permanecendo até o ano de 1927 como membro da direção do Partido, período em que realiza várias missões na União Soviética e em outros países da Europa.

Em uma de suas viagens à Espanha, é preso em Barcelona, sem, no entanto, interromper o contato com seus companheiros de partido. Remonta àqueles anos a adoção do pseudônimo para poder assinar escritos denunciando a repressão e as injustiças, e não ser reconhecido pela polícia. O nome Silone é escolhido em homenagem a *Poppedius Silo*, um militar que lutou tenazmente em defesa da Mársica, na guerra contra Roma em 90 a.C.; enquanto Ignazio é escolhido, conforme ele próprio nos informa, *per battezzare un cognome pagano*⁵, lembrando, assim, o grande santo Inácio de Loyola. Essa escolha sinaliza as profundas raízes cristãs, herança de sua terra e do seu povo.

É dessa mesma terra natal e de sua família que o escritor recebe como herança a fé católica, religião fortemente enraizada na vida e no costume daquele povo. Em *Vino e pane* (1955), Silone relata essa lembrança, quando, ainda criança, sentado ao lado da mãe - ocasião em que a ajudava em sua tarefa de tecelã -, que lhe contava histórias, fatos do evangelho e episódios da vida dos santos.

⁵ Cfr. SILONE, Ignazio. *Silone si racconta*. In: *Ignazio Silone, dal piccolo mondo alla grande Storia*. Regione Abruzzo. N. 33/2006, p. 8.

A recordação desses relatos permite observar que são muitas as lendas e as crenças que animavam a imaginação cultural do povo abrucês, como aquela que contava que, na noite de Natal, a Sagrada Família, procurada pela polícia que queria raptar o menino Jesus, fugia pelas montanhas do *Abruzzo*. Portanto, todas as famílias deixavam a porta de casa aberta, a lareira acesa e alguma coisa para comer na mesa da cozinha, para que, caso quisesse a Sagrada Família pudesse entrar, se aquecer um pouco e comer alguma coisa, antes de retomar o caminho das montanhas⁶.

Consideramos importante incluir os exemplos acima, já que assim podemos entender a forte presença do elemento religioso, da tradição católica popular, que se constitui um dos pilares de sustentação da produção literária do escritor.

Este trecho de *Uscita di sicurezza* mostra todo o conflito interior vivido pelo escritor, no momento em que deve optar pela política.

Fu nel momento della rottura che sentii quanto fossi legato a Cristo in tutte le fibre dell'essere. [...] La piccola lampada tenuta accesa davanti al tabernacolo delle intuizioni più care fu spenta da una gelida ventata. La vita, la morte, l'amore, il bene, il male, il vero cambiarono senso, o lo perdettero interamente [...] Ma chi racconterà l'intimo sgomento, per un ragazzo di provincia, mal nutrito, in una squallida cameretta di città, della definitiva rinunzia alla fede nell'immortalità dell'anima?⁷.

Portanto, a adesão de Silone ao Socialismo é vivida como uma conversão, uma adesão total a uma ideologia que determinava uma maneira de pensar e de ver o mundo. Abraçar as propostas dessa ideologia foi para o jovem a mesma coisa que atender à inspiração do espírito humano, sedento de justiça social.

Sua permanência no Partido durou até 1930, mas, nos últimos tempos, aconteceram várias incompreensões entre o jovem comunista e os dirigentes do Partido. O ideal socialista abraçado por Silone entrara em crise devido às ações adotadas por Stalin na União Soviética, criando assim um abismo entre o ideal buscado pelo autor e a ditadura implantada por esse político. No começo do ano de 1929, sua relação com a direção do Partido se foi tornando sempre mais difícil,

⁶ A fonte dessas informações é uma entrevista a uma rádio regional *Antenna 2*. In: DI NICOLA Giulia Paola; DANESE Attilio. *Silone, percorsi di una coscienza inquieta*. Aquila: Fondazione Ignazio Silone, 2006, p. 52-53.

⁷ SILONE, Ignazio. 2001, p.7.

como resultado das diretivas impostas por Moscou em relação ao projeto de revolução proletária a ser realizado, principalmente, na Itália.

Dessa forma, após alguns meses de angústia, ainda em 1929 - devido também ao seu estado de saúde, pois havia contraído tuberculose -, Silone pede exoneração dos encargos no Partido, que abandonará definitivamente no ano seguinte.

Essa decisão também foi muito dolorosa, mais uma opção acompanhada de muita dor, testemunhada por suas palavras em *Uscita di sicurezza*:

La verità è questa: l'uscita dal Partito comunista fu per me una data assai triste, un grave lutto, il lutto della mia gioventù. [...] Non ci si libera facilmente, l'ho già detto, da un'esperienza così intensa come quella dell'organizzazione comunista⁸.

O afastamento do Partido era como renunciar ao projeto de justiça e de solidariedade em que Silone acreditava; significava a renúncia às esperanças e aos ideais da juventude.

A retomada desses temas é feita pelo escritor no segundo romance - *Vino e pane* -, no qual o protagonista, Pietro Spina, é o símbolo do intelectual de esquerda que não quer renunciar ao seu espírito crítico. Ele luta contra o conformismo político de seu partido revolucionário, em busca de uma ética autêntica da ação subversiva, da liberdade humana e da solidariedade cristã.

Anos depois, em uma releitura de sua própria vida, Silone vai chamar essa sua decisão como uma saída de emergência - *un' uscita di sicurezza* -, uma escolha difícil, mas que o revelou como escritor para a história e do qual agora queremos nos aproximar e aprofundar nos estudos, para um melhor conhecimento de seu processo produtivo.

É importante lembrar que esse período corresponde, na Itália, à afirmação do regime fascista conduzido por Benito Mussolini. Este, a princípio, com sua política de melhorias do território, deu uma grande contribuição para a reorganização do País, recém-saído da Primeira Guerra Mundial. Mas, pouco a pouco, sua política foi se revelando radical, a ponto de negar as liberdades de palavra, de expressão e reunião. Foi iniciada uma verdadeira perseguição aos opositores do regime e aos expoentes dos partidos políticos, perseguição que se

⁸ SILONE, Ignazio. 2001, p.112.

estendeu aos camponeses e operários. Para muitos o único caminho era o exílio, para não sucumbir como vítimas da violência fascista.

Também Ignazio Silone, entre outros refugiados, encontra asilo na Suíça, em Davos. De lá, em contato com outros exilados, continua sua luta contra o fascismo e contra todos os totalitarismos e os regimes que atacam a liberdade do homem.

Parece-nos oportuno, a este ponto, apresentar um pequeno resumo da situação histórica e cultural italiana e da Europa, nas primeiras décadas do séc. XX, para que nosso objetivo de elucidar a digital religiosa de Silone possa ser mais objetivamente demonstrada.

1.2. A Itália, o Abruzzo e a experiência siloniana

Para que se tenha uma melhor compreensão deste escritor, de sua atividade e de sua história, julgamos necessário oferecer um breve quadro do cenário italiano do século XX. Não é uma tarefa fácil, pois são muitos os elementos políticos, históricos, sociais, culturais e literários refletidos na Itália, também por sua relação e inserção no amplo contexto europeu.

Para se entender melhor: em pouco mais de cinquenta anos a Europa sofreu uma das maiores mudanças de sua história, transformações tão amplas que envolveram a cultura, as artes, a organização dos povos e etnias e contribuíram para a construção de um novo quadro histórico e geográfico do Continente.

O novo século começara marcado por uma profunda crise artística e literária, que se mostrava claramente nas obras que surgiram, muitas delas retratando o mal-estar e o desconforto em relação ao viver. Relatavam um eu, uma identidade perdida, confusa, à procura de um lugar, de uma definição. Os escritores, todavia, com suas produções, deram contribuições originais e interessantes como produção de idéias, não testemunhando apenas o desconforto.

A revolução industrial, iniciada no final do século XIX, auxiliara os trabalhadores na conscientização de seus próprios direitos e nas reivindicações e manifestações dos operários, que eram reprimidas com a força e a violência. A descoberta do rádio, do telégrafo, da eletricidade, dava à burguesia a ilusão de poder

superar as dificuldades e viver no luxo e no bem-estar da *Belle Époque*, negando a crise e a ameaça de uma guerra mundial.

A política expansionista de algumas potências européias, que haviam estabelecido vastos impérios na África e na Índia, por exemplo, permitia a convergência, em direção à Europa, de grandes quantidades de matérias-primas e riquezas. Com essa ampliação de mercados tinha-se a impressão de superação da situação de crise. A consequência foi a grande desigualdade entre nações pobres e ricas, que acentuava as distâncias entre Norte e Sul.

Na Itália se agravava a chamada “questão meridional”, que se arrastava desde o século passado. É preciso esclarecer que a Itália gozava de uma unidade territorial conquistada somente há poucas décadas; faltava ainda uma unidade de fato das pessoas, não somente do território. Tal situação se reflete também na literatura; de fato, nas obras produzidas se faz sentir a relação dos escritores com cada região individualmente.

Todavia, todos os fermentos positivos, tudo o que fora conquistado com lutas e reivindicações desabou de repente com a guerra. A Primeira Guerra Mundial, ou “guerra total”, definida, como “o suicídio da Europa”, numa citação de um livro de Cesare Segre⁹, transformou radicalmente uma situação que podia se encaminhar para a estabilização dos Estados europeus, mas que, na realidade, desaguou em outra luta sangrenta: a Segunda Guerra Mundial.

Ainda em referência à Primeira Guerra Mundial, é necessário lembrar que a luta armada causou milhares de mortos, mudanças no quadro político, suscitando novos conflitos pela concorrência gerada entre os Estados. De repente, todo o quadro político europeu sofreu claras mudanças, escondendo, no seu interior, um grande mal-estar e uma crescente vontade de revanche. É nessa situação de crise que se afirmam regimes totalitários como Comunismo, Fascismo e Nazismo, mesmo em países encaminhados para um processo democrático. Regimes fundados sobre o poder radical de um único indivíduo e de um único partido que se identifica com o Estado. Os governos ditatoriais, embora apresentando algumas diferenças, produziram os piores crimes da história, sustentados pela idéia de superioridade de uma raça sobre outras. Esse pensamento levou ao pior genocídio que a história da humanidade jamais conheceu.

⁹ Cfr. SEGRE, Cesare. *Tempo di bilanci*. Torino: Giulio Einaudi editore, 2005, p. 8.

Muitos escritores, poetas, artistas e pensadores sofreram com a falta das liberdades democráticas introduzidas pelos regimes totalitários.

Com um olhar para a situação italiana, devemos dizer que, embora a Itália tivesse saído vitoriosa da Primeira Guerra, o clima geral era de profunda derrota. Mesmo tendo conquistado territórios, permanecia uma certa amargura e desilusão por causa dos resultados das decisões e dos tratados que demarcavam as fronteiras de vários Países europeus.

A fase sucessiva à Primeira Guerra Mundial não foi, absolutamente, fácil. Persistiam ainda vivas as tensões entre os vários Países; surgiam grandes dificuldades para a reconstrução, enquanto a recuperação econômica era lenta e difícil. Dessa situação de generalizado mal-estar e perturbação se fizeram intérpretes vários movimentos que, reportando-se aos êxitos da Revolução Russa de 1917, propunham a luta contra a burguesia e a favor do governo do povo. A situação de descontentamento levou a confrontos e a greves em vários pontos da Península.

A situação de incerteza e instabilidade se agravava cada vez mais, também por causa da debilidade do governo, incapaz de afrontar a situação. Dessa circunstância emerge a atividade das tropas fascistas, tendo como líder Mussolini, com o intuito de remediar as crescentes desordens.

Em 1921, em Livorno, durante o congresso do Partido Socialista, em que participou também Ignazio Silone, Antonio Gramsci criou o Partido Comunista Italiano. É assim que Silone entra na cena política, abraça com fé e adere completamente ao pensamento socialista, com o qual acredita que seja possível construir uma Itália sem injustiças e desigualdades.

Não podemos esquecer que a realidade da qual Silone provinha justificava sua atenção e identificação com as camadas menos privilegiadas. Durante a sua militância comunista, o seu verdadeiro metro para analisar a sociedade será a vida dos lavradores do *Abruzzo*, mais do que os abstratos conceitos marxistas. É como dizer que o sofrimento das pessoas da sua terra se transforma na lente através da qual ele observa o mundo.

A esse ponto nos parece importante apresentar em linhas gerais a geografia, a cultura e a situação histórica do *Abruzzo*, para que se possa ter um melhor conhecimento de Silone e do mundo em que se movem os acontecimentos que envolvem os protagonistas dos seus romances.

Do ponto de vista geográfico, o *Abruzzo* pertence à Itália Central, todavia, pela sua história, foi sempre considerada como parte da Itália Meridional. Não cremos que seja oportuno nos reportarmos ao curso histórico da Região, o que nos afastaria da nossa proposta, no entanto, com esta citação do escritor é possível que se tenha, mesmo que em linhas gerais, alguns acenos sobre a história menos recente.

È una contrada, come il resto d’Abruzzo, povera di storia civile, e di formazione quasi interamente cristiana e medievale. Non ha altri monumenti degni di nota che chiese e conventi. Per molti secoli non ha avuto altri figli illustri che santi e scarpellini. La condizione dell’esistenza umana vi è sempre stata particolarmente penosa; il dolore vi è sempre stato considerato come la prima delle fatalità naturali; e la Croce, in tal senso, accolta e onorata¹⁰.

Parece claro que a condição de atraso das populações bem como a difusão da religiosidade popular eram bem enraizadas na história da Região.

Retornando a uma história mais recente, é possível verificar que, depois da expedição dos *Mille*¹¹, de Garibaldi, o território abrucês passou a fazer parte do Reino da Itália, como todo o resto do Sul da Península. Todavia, mesmo depois da Unificação, não havia mudado, de fato, a situação dos lavradores, obrigados a trabalhar e a viver em condições de miséria; os meeiros eram sobrecarregados por impostos ainda feudais, por taxações devidas ao poder exercido pelos eclesiásticos.

Essa situação de opressão e exploração é o tema central de *Fontamara* (1933), cuja história retrata a luta entre lavradores e burgueses, partidários e protegidos pelos *Torlonia*¹², uma família romana que se tornara um dos maiores

¹⁰ SILONE, Ignazio. 2001, p.75.

¹¹ A *spedizione dei Mille* (1860) é um acontecimento marcante do *Risorgimento* italiano. Refere-se à ação do corpo de voluntários chefiados por Giuseppe Garibaldi, que, saindo de Mille, perto de Gênova, desembarcou na Sicília para conquistar o Sul da Itália, patrimônio do Bourbon, e encaminhar o processo de Unificação da Península.

¹² “... scriverò un’edificante vita dei Torlognes, come in origine essi si chiamavano. [...] I Torlognes arrivarono a Roma in tempo di guerra e specularono sulla guerra, poi specularono sulla pace, quindi specularono sul monopolio del sale, poi specularono sui torbidi del ’48, sulla guerra del ’49, [...] più tardi hanno guadagnato miliardi. [...] Torlogne ricevette le terre in proprietà perpetua”. In: Ignazio Silone. *Fontamara*. p. 8-9

investidores nas obras de drenagem do lago do *Fucino*¹³, tornando-se, por conseguinte, os únicos proprietários.

É preciso dizer que o território abrucês, em geral áspero e irregular, é sulcado por montanhas que têm sempre dificultado as comunicações entre os vales das montanhas, determinando, assim, o isolamento dos centros habitados e uma certa resistência às influências exteriores.

Ainda no prefácio de *Fontamara*, o autor faz uma imagem nada pitoresca da paisagem e da vida dos seus habitantes, diversamente do que costumam imaginar os que estão de fora:

A Fontamara non c'è bosco: la montagna è arida, brulla, come molta parte dell'Appenino[...] I contadini non cantano, né in coro, né a soli; neppure quando sono ubriachi, tanto meno (e si capisce) andando al lavoro. Invece di cantare, volentieri bestemmiano. Per esprimere una grande emozione, la gioia, l'ira, e perfino la devozione religiosa, bestemmiano¹⁴.

Ao contar tais acontecimentos, o escritor realça, literariamente, a imobilidade meridional - que durava há séculos - e o desejo de rebelião que, primeiro sob o fascismo, depois no pós-guerra, levava o *Abruzzo* em direção a uma lenta recuperação.

Ignazio Silone, de fato, junto a autores de outras regiões italianas, se faz porta-voz de uma Itália desconhecida pela maioria. Ele pertence a um grupo de escritores cujas obras se caracterizam pelas opções de retratar, de modo realístico, os ambientes de vida e de trabalho. Os protagonistas de seus romances são sempre pessoas humildes, imersas em um mundo de miséria e de pobreza material e espiritual, esquecidas pelos políticos e exploradas pelas autoridades locais. A intenção desses autores era do tipo ético-político. De fato, ao descrever as condições de miséria, de exploração e de opressão econômica, queriam tomar uma posição frente ao fascismo. A princípio permaneceram desconhecidos, ou ignorados, como o foi Silone, mas nos anos sucessivos à Segunda Guerra, os autores do realismo “social”, como Corrado Alvaro (1895-1956), Carlo Bernari (1908-1992) e o nosso

¹³A drenagem do lago do *Fucino*, iniciada em 1875, financiada pelos *Torlonia*, foi uma obra grandiosa. As atividades demoraram mais ou menos 24 anos. Silone acusa os *Torlonia* por terem se tornado proprietários absolutos das terras drenadas. Silone, também, quer evidenciar que essa obra causou danos aos povoados, mudanças climáticas e transformações na produção agrícola.

¹⁴SILONE, Ignazio. *Fontamara*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore. 2006, p. 11.

escritor, foram redescobertos e apreciados como precursores do neo-realismo. Estas tendências estão relacionadas somente em parte com as características do primeiro realismo do final do século XIX, isto é, o Verismo, enquanto tem como princípio inabdicável se aterem, escrupulosa e objetivamente, à ‘realidade’ da vida; mas o seu empenho, a sua relação com a realidade social vai muito além das intenções dos veristas, porque implica uma decidida vontade de intervir, conscientemente, na evolução da sociedade, de contribuir para a sua renovação e o seu progresso.

Ao lado dos temas sociais, centro de suas obras, se encontram algumas características de fundo, como: a convicção da função positiva da literatura para a difusão das idéias; a narração de eventos realmente ocorridos e de experiências vividas pelo autor; a prevalência da dimensão pública, ou seja, contar histórias que têm como protagonistas os movimentos coletivos, em que o indivíduo é o porta-voz do grupo; a narração é feita com características lingüísticas e estilísticas do tipo popular, o mais próximo possível da verdade, do real¹⁵.

Imediatamente ao segundo pós-guerra, depois da derrota do fascismo e do restabelecimento da liberdade democrática, muitos escritores foram animados por um sentimento de desforra e se empenharam em redesenhar a imagem e a função do intelectual, em geral, e do escritor, em particular, dando vida àquela tendência literária, sob o impulso também de novas instâncias da arte cinematográfica, definida como neo-realismo.

Neo-realismo é o termo criado em 1930 pelo jovem crítico Arnaldo Bocelli, ao definir algumas obras do período, voltadas para a análise social, sem dar importância ao escrever belo. Esse movimento se apresenta sob dois grandes filões: o primeiro, a narrativa de guerra e de Resistência que nasce da necessidade de narrar e de testemunhar, de forma detalhada e nua, a tragédia e o horror da guerra que acabara de terminar, o segundo filão é aquele do meridionalismo e do regionalismo, que se vale de uma literatura que está atenta a extrair as concretas condições de vida das populações locais, dentro de suas raízes étnicas, sociais e lingüísticas.

Ao Neo-realismo se deve o mérito, segundo Italo Calvino¹⁶, de ter-se constituído como um conjunto de vozes, em grande parte periféricas, que permitiu a descoberta de diversas Itálias, inéditas para a literatura. A corrente neo-realista tem

¹⁵ Cfr. DI SACCO, Paolo. *Testi e contesti. Moduli di letteratura e cultura. Il Novecento*. Milano: Edizioni Scolastiche Bruno Mondadori, 2003, p. 224.

¹⁶ Cfr. *Ibidem*, p. 629.

ainda o mérito de assinalar a reaproximação entre literatura e sociedade, principiando, também, interessantes reconstruções do ambiente, exploração não-banais das relações sociais, dando voz às linguagens e aos pontos de vista das classes mais esquecidas da sociedade.

O crítico Salvatore Battaglia¹⁷ escreveu que não se pode negar ao neo-realismo a tentativa de uma profunda reforma literária que ainda hoje constitui um dos eventos mais corajosos e mais decisivos do séc. XX italiano.

1.3 O texto siloniano: censura e aceitação

Aproximar-se desse escritor significa aventurar-se na descoberta de uma personagem para o qual foram destinados vários olhares, tanto pelo seu empenho político, quanto pela sua atividade de escritor.

A primeira aproximação de Silone à aventura da ‘escrita’ aconteceu com a redação dos três artigos *i primi articoli della mia vita*¹⁸, embora essa tentativa não possa ser considerada plenamente como o ingresso de Silone no mundo das letras.

Por isso, o marco inaugural de sua atividade de escritor foram os anos passados em Davos, na Suíça, como refugiado, onde morou para se curar da tuberculose que o acometera, além de servir como refúgio à perseguição fascista. Viveu nesse lugar de 1931 a 1934, localidade que viu a redação de seu primeiro romance: *Fontamara*.

Durante sua estada no País helvético, Silone frequentou ambientes e escritores internacionais, conseguindo, assim, entrar e fazer parte, diretamente, do mundo cultural e literário europeu; teve também oportunidade de realizar estudos e pesquisas junto a bibliotecas de renome.

Escritores e críticos europeus, como Graham Greene, Thomas Mann e outros se pronunciaram a favor de Silone, manifestando apreço e estima pelo político e pelo artista. Naqueles anos, além de trabalhar como redator do jornal *Information*¹⁹, em língua alemã, grande parte do seu tempo era ocupado por atividades literárias, dedicando-se à feitura de romances e ensaios.

¹⁷ Cfr. DI SACCO, Paolo. 2003, p. 629.

¹⁸ SILONE, Ignazio. 2001, p. 71.

¹⁹ ‘*Information*’, um jornal alemão que criticava a economia capitalista e burguesa e fazia oposição a todas as formas de fascismo. Silone escreveu vários artigos, em alemão, para esse jornal.

É com o primeiro romance – *Fontamara* –, publicado em Zurique, em 1933, em alemão – e no ano seguinte em italiano –, que Silone entra na produção literária italiana. Esta obra obteve um sucesso imediato; teve outra edição em 1934 e, ao longo de dois anos, foi publicada em capítulos numa revista da Suíça, em língua alemã²⁰. É importante ressaltar que a publicação na Itália desse romance foi em 1947, embora a obra fosse conhecida pelo público, apesar de ser ignorada pela crítica.

Os outros dois romances que, junto a *Fontamara*, formam a tríade dos escritos do exílio são: *Pane e vino* (1936) – *Brot und Wein* e *Il seme sotto la neve* (1939-1940). A publicação de *Pane e vino*, em italiano, foi editada pela *Nuove Edizioni Capolago de Lugano*, em 1937, custeada pelo próprio autor. Esse escrito recebeu numerosos consensos; contribuiu para seu lançamento a ampla divulgação e a movimentação de intelectuais exilados que andavam de um país para outro.

Embora esses escritos não fossem publicados logo na Itália, despertaram a atenção da crítica italiana, cunhando o “caso Silone”, que durou várias décadas.

Ainda a respeito do “caso Silone”, vale lembrar que o motivo dessa definição pode ser encontrada na particular situação em que o escritor se encontrava: um exilado, afastado de um partido político, que escreve retratando o drama do homem meridional e encontra uma vasta aceitação pelo mundo afora, enquanto é quase desconhecido em sua própria pátria.

Um dos possíveis motivos para essa recusa italiana talvez seja, como afirma Carlo Bo, porque ele foge das regras impostas pela crítica italiana: [...] *gravata da uno spirito accademico. Dava noia che uno scrittore italiano all'estero fosse conosciuto, mentre gli altri venivano ignorati*²¹.

Silone, por outro lado, não se deixa emoldurar pelo cânone do *bello scrivere*, concedendo-se *il diritto di raccontare i fatti suoi a modo suo*²².

Outrossim, ele se distancia da narrativa da época pela maneira de abordar e expressar os assuntos tratados. Os escritos silonianos nascem como a necessidade de dar um testemunho de sua época. Trata-se de uma solitária e contínua luta para fazer uma denúncia de um tempo marcado por injustiças, através da obra literária, que vai muito além do simples prazer estético.

²⁰Cfr. ANNONI, Carlo. *Invito alla lettura di Silone*. Milano: U. Mursia editore, 1985, p.41.

²¹BO, Carlo. *L'avventura di un povero esule in patria*. In: *Ignazio Silone, dal piccolo mondo alla grande storia*. 2006, p.34.

²²SILONE, Ignazio. 2006, p. 13.

Ele reivindica para si a liberdade entendida como: [...] *la possibilità [...] di dire no a una qualsiasi autorità, letteraria artistica filosofica religiosa sociale, e anche politica*²³.

Um fato que talvez incomodasse uma certa parcela da crítica italiana é a grande aceitação e a valorização obtida por Silone no exterior. Basta pensar que os primeiros romances foram imediatamente traduzidos nas principais línguas e lidos por pessoas das mais diversas extrações sociais.

Durante os anos do fascismo, o silêncio de Silone é explicado por causa da censura que proibia a edição e a circulação de seus livros. Terminada a guerra, todavia, o espírito de muitos críticos não mudou, com algumas exceções de expoentes socialistas e católicos que se deram conta da sua originalidade e se mobilizaram a favor dos seus escritos, conforme opinião reiterada por Giuliana Rigobello²⁴.

A crítica italiana sempre foi muito arredia com relação às novidades. A esse propósito é importante considerar a posição de Luigi Russo que afirma no guia biobibliográfico *I narratori*, no verbete sobre o autor: *Ha acquistato rinomanza all'estero per ragioni estranee all'arte e alla letteratura*²⁵. A posição de Luigi Russo está condicionada ao fato de Silone pertencer a um partido, vinculando seus primeiros romances a uma simples reação opositiva à ideologia fascista.

A superação dessa limitada visão nos é propiciada pelo próprio autor e sua autocrítica, inserida como nota a *Vino e pane*, título dado sucessivamente pelo autor à publicação italiana de 1955, pela Editora Mondadori.

L'avevo scritto, *ex abundantia cordis*, subito dopo l'occupazione fascista dell'Abissinia e durante i grandi processi di Mosca inscenati da Stalin per distruggere gli ultimi residui dell'opposizione. Era impossibile immaginare una coincidenza più deprimente di eventi negativi. Il comportamento inumano del generale Graziani verso i combattenti e i civili etiopici, l'euforia di molti italiani per la conquista dell'Impero, la passività della maggioranza della popolazione, l'impotenza degli antifascisti, erano notizie che mi riempivano di un profondo senso di vergogna. [...] Pertanto il mio stato

²³ SILONE, Ignazio. 2001, p. 80.

²⁴ RIGOBELLO, Giuliana. *Ignazio Silone. Introduzione e guida allo studio dell'opera siloniana. Storia e Antologia critica*. Firenze: Le Monnier, 1981, p.171.

²⁵ Cfr. ANNONI, Carlo. 1985, p.133.

d'animo era più proclive all'enfasi, al sarcasmo, al melodramma che a una pacata narrazione. Devo aggiungere che l'eccezionale, e per me del tutto imprevisto, successo del libro, m'illudeva mediocrementemente, sapendo che alla fortuna di uno scritto possono contribuire talvolta più i difetti che i pregi. Ma avevo il diritto di tornarvi sopra e di correggerlo? [...] Il quesito tuttavia mi si sarebbe ripresentato più tardi sotto altra luce, poiché, dopo la caduta del fascismo, i miei libri si sarebbero potuti stampare per la prima volta anche in Italia. Avrei dovuto lasciarmi sfuggire la possibilità offertami da un ritardo che, sotto tutti gli altri aspetti, era stato per me penoso e pregiudizievole? Con buona coscienza dunque me ne giovai per una messa a punto dei libri da me pubblicati in esilio, *Fontamara*, *Pane e vino*, *Il seme sotto la neve*. Come la critica ha potuto constatare, questi libri sono rimasti immutati nella loro struttura, nella loro sostanza morale, nella vicenda dei personaggi e nello stile; ma sono stati sfrondati di elementi secondari o d'ispirazione contingente e approfonditi nei loro temi fondamentali. In quanto allo stile, mi pare che la suprema saggezza nel raccontare sia di essere semplice. Se mi sono astenuto dal fare la minima concessione alle mode letterarie sorte nel frattempo é già in via di esaurimento, non è per partito preso²⁶.

Essa autocrítica de Silone nos auxilia a entender o seu conceito de liberdade da escrita que não deve se submeter às modas e às ideologias. Também quer sublinhar como os fatos históricos, sociais e políticos, muitas vezes podem limitar e condicionar a leitura de uma obra. Posição confirmada por Flora de Paoli Faria:

A força reveladora da linguagem não se deixa aprisionar, não servindo à ideologia de um determinado padrão, transcende inclusive a intenção do autor, que dessa forma deixa de ser o proprietário da voz, sendo, por conseguinte, escrito por ela²⁷.

A leitura dos romances de Silone, sob uma ótica prevalentemente política, lhe valeu o apoio de personagens como Trotski, que lhe escreve uma carta na ocasião da publicação de *Fontamara*; enquanto Carlo Rosselli faz uma resenha

²⁶ SILONE, Ignazio. *Vino e pane*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 2004, p.6.

²⁷ FARIA, De Paoli, Flora. *Silone e a emergência do poético*. Tese de Doutorado UFJR, 1991, p.24.

sobre a obra nos *Quaderni di Giustizia e Libertà* - editados em Paris - e Franco Clerici anuncia o livro no jornal *Avanti!*, de Zurique, de março de 1933²⁸.

É preciso dizer que *Fontamara* foi um dos livros italianos de maior sucesso do século passado, com inúmeras edições e traduções. Depois da Segunda Guerra Mundial foi possível a publicação na Itália dos primeiros três romances, aqueles escritos no exílio.

A seguir reportamo-nos ao juízo de alguns autores italianos e estrangeiros que, com resenhas e apresentações em jornais e revistas, apoiaram a publicação das obras de Silone na Itália, sem se deixar condicionar pelas escolhas políticas do escritor, destacando, assim, a originalidade da narrativa e dos temas tratados por ele.

Uma monografia de Richar W.B. Lewis, publicada na Itália em 1961, influenciou muito a crítica italiana. Para Lewis, Silone é um “artista em ação”; enquanto que para Camus, Silone, através da arte, *dá forma alla tragedia dell’epoca e lo fa con mezzi espressivi di vecchio stampo*²⁹. De fato, o escritor abrucês, embora expondo problemas políticos e sociais, se reporta a modelos do tipo tradicional na construção da narrativa e na elaboração dos personagens.

Na opinião de Goffredo Bellonci³⁰, *Fontamara* se insere na categoria dos *libri-manifesto*, dos *libri-denuncia*, pela capacidade do escritor de fazer uma articulação entre os diversos níveis – culturais, temáticos, ideológicos. Define a obra como neo-realista, com acenos surrealistas, com uma clara presença da literatura, da arte popular e da arte do *Abruzzo*. Definindo-a, assim, como uma narrativa social que se estende bem além dos limites regionais e atinge até a intelectualidade européia.

Thomas Mann, Lionello Venturi e outros evidenciam o profundo amor de Silone pelos malditos da terra, cuja história ele conta, sabendo tecer os aspectos ético, religioso e revolucionário.

Para alguns críticos, porém, esses mesmos aspectos podem indicar uma certa limitação, principalmente, por se identificarem com um mecanismo prolixo.

Vino e pane, título da publicação italiana, que é o romance objeto do nosso estudo, não criou polêmicas relevantes quando publicado. No entanto, parece-

²⁸ Cfr ANNONI, Carlo. 1985, p.136.

²⁹ BIONDI, Liliana. *Breve rassegna sulla critica estera 1933-1978*. In: *Ignazio Silone, dal piccolo mondo alla grande storia*. 2006, p.102.

³⁰ Cfr. ANNONI, Carlo. 1985, p. 137.

nos importante reproduzir alguns comentários de Giovanni Battista Angioletti³¹, que atribuiu a Silone a capacidade de reconhecer o ser humano, até mesmo na figura do adversário. O escritor opera também a recuperação de uma Itália inédita, uma língua não inculta, mas intencionalmente concisa e essencial.

Com *Il seme sotto le neve*, foi aberto um importante debate no exterior em que Silone foi comparado a escritores humanitários como: Tolstoy, Bernanos, Péguy, Unamuno, Dostoievski. Nesse romance encontra-se o elemento unificante de sua poética, no sentimento de proximidade moral com os pobres, no sentimento da terra, no envolvimento com a causa dos pobres e na aspiração comunitária³².

É importante, também, considerar a opinião de Guido Piovene que identifica na técnica do romance, produzido por Silone, ecos do Verismo de Verga e Fogazzaro; todavia, define contraditória a moralidade de Silone, oscilante entre uma raiz patriarcal e um impulso revolucionário.

Ainda no âmbito da literatura de cunho regional, é conveniente reportar a posição de Francesco Jovine, segundo o qual Silone deve ser relacionado aos escritores do problema meridional e aos narradores do mundo agrícola do Sul.

Enquanto Pietro Citati, por trás do sentido do trágico, vê, na obra acima citada, uma hereditariedade da cultura clássica.

Dentre os escritos de Silone, na fase do exílio, não podemos esquecer o ensaio *La scuola dei dittatori* (1938), que teve ampla recepção, sobretudo nos Estados Unidos e na Inglaterra, sendo definido como um clássico da democracia. Na Itália se extrai dessa obra a dimensão moral, além da política.

Depois do seu retorno à Itália, Silone continuou a sua atividade de escritor e publicou: *Una manciata di more* (1952), *Il segreto di Luca* (1956), *La volpe e le camelie* (1960), que mereceram por parte da intelectualidade elogios e críticas.

Nesse âmbito, Geno Pampaloni, pronunciando-se sobre *Il segreto di Luca*, fala de um *bellissimo nodo d'amore*³³; posição contrária quando se trata de *La Volpe e le camelie*, que considera *un'opera minore, macchinosa e poco significativa*³⁴.

³¹ Cfr. ANNONI, Carlo. 1985 p. 136-139.

³² Cfr. Ibidem, p.140.

³³ Cfr.. Ibidem, p. 142

³⁴ Cfr. Ibidem, p 142.

Ainda em relação à obra *Il segreto di Luca*, outros críticos, ao contrário, vêem o romance como um conto linear, uma prosa de fácil leitura, por não ser sobrecarregada de simbologia.

Postura diametralmente oposta será assumida por Carlo Salinari, que, em um artigo publicado no jornal *Unità*, de 2 de agosto de 1952, por ocasião da publicação de *Una manciata di more*, escreve que Silone é incapaz de criar, através da palavra, um sentimento, uma personagem, um ambiente, dizendo que o escritor deveria mudar de profissão³⁵.

A publicação de *Uscita di sicurezza*, em 1965, despertou uma reflexão no seio da crítica italiana e uma mudança de posição em relação ao escritor. No texto, que tem um caráter de resumo da vida, o escritor reexamina os acontecimentos e as escolhas por ele feitas.

Entre os pronunciamentos sobre esse ensaio, reportamos aqui a opinião de Arrigo Benedetti³⁶ que, na revista italiana *l'Espresso*, afirma que Silone nunca se valera do amparo da política para o acolhimento de sua obra literária e sublinha a integridade moral do escritor, apesar das dificuldades, das críticas e oposições.

A última obra de Silone - *L'avventura d'un povero cristiano* (1968) - teve um clamoroso sucesso editorial e crítico. O autor enfrenta a temática religiosa em plena efervescência, em decorrência das expectativas de renovação alimentadas pelos êxitos e decisões do Concílio Vaticano II. Junto à ampla aceitação, provocou também muitas polêmicas, movidas por motivos lingüístico-expressivo e temático.

A publicação póstuma de *Severina* (1981), organizada por sua esposa Darina Silone, a partir de apontamentos do escritor, reacende polêmicas já apaziguadas. O livro retoma a temática religiosa vivida no contexto da década de 1970. A crítica, mais uma vez, se interessa por Silone, com opiniões favoráveis e contrárias.

Apoiado por alguns, criticado e ultrajado por outros, o “caso Silone” foi atenuado somente nos últimos anos. O tempo e a história lhe fizeram justiça, mesmo se depois de algumas décadas lhe foi conferido o reconhecimento de mestre fiel a sua verdade e a sua consciência.

³⁵ Cfr. BORRI, Gianfranco. *Il peso della grazia e la fertilità del dubbio*. In: *Lecture siloniane*. L'Aquila: Regione Abruzzo, 1999, p. 80.

³⁶ ANNONI, Carlo. 1985, p.144.

Ci fu un tempo che era d'obbligo insultarlo o irriderlo. Quel tempo è passato ma le colpe della nostra sordità e delle nostra viltà non sono state cancellate, non lo saranno neppure dopo. Quello spirito diverso che veniva identificato in un 'pidocchio' è stato uno dei pochi maestri veri della nostra penultima storia³⁷.

A crítica italiana reconheceu a sua têmpera de escritor, conferindo-lhe o *Premio Marzotto*, em 1965, por *Uscita di sicurezza*, depois da clamorosa exclusão do *Premio Viareggio*. O escritor recebeu o *Premio Campiello*, em 1968, por *L'avventura d'un povero cristiano*.

O “caso Silone” retorna à cena cultural italiana nos últimos anos, dessa vez como testemunho da visão exclusivamente política do escritor, dando vazão a um novo “caso Silone”. Dario Biocca, no livro *Silone. La doppia vita di un italiano*, editado por Rizzoli,(2005), sustenta que, de fato, Silone teria colaborado com a polícia fascista. Ele chegou a tal afirmação depois de pesquisas feitas em arquivos dessa mesma polícia, tendo como prova principal uma carta, mais ou menos anônima, com a qual constrói uma série de acusações contra Silone para confirmar essa pretensa colaboração. A esse respeito, Biocca já havia publicado uma série de estudos, conduzidos em colaboração com Mauro Canali, entre os quais *L'informatore: Silone, i comunisti e la polizia*, Luni Editore, 2000. A partir dos textos citados se entende que para Mario Biocca todo o percurso político e literário de Silone é caracterizado pela ambigüidade nas escolhas feitas, por causa de uma personalidade psicologicamente obscura e de um comportamento desabonador.

Por outro lado, estudiosos, críticos sérios, como Vittoriano Esposito, Luce d'Eramo, para citar os mais dignos de crédito, haviam debatido a posição de Biocca e os êxitos de suas pesquisas. Esses críticos rechaçam as conclusões a que chega Biocca e a julgam *una tesi preconstituited*. Eles contestam todas as acusações em *Ignazio Silone ovvero un “caso” infinito*, publicado com o apoio do Centro Studi Siloniani, Pescara,2000.

O “novo caso Silone” engendrado por Biocca, mais uma vez, convoca os estudiosos de Silone que têm ajudado a dissipar essa nova nuvem de dúvidas e de acusações, que retorna agora para ofuscar a personalidade moral e literária do nosso escritor.

³⁷BO, Carlo. in: *Fontamara. Presentazione*, 2006, p. XIII.

Mais uma vez a crítica sobre a militância política de Silone se apresenta como uma ameaça a sua postura moral e a sua atividade de escritor. Todavia, quando o escritor afirma que *un libro, una volta edito, non appartenga più all'autore, ma al pubblico*³⁸, está consciente de que os leitores podem ter opiniões diversas ao travarem contato com a sua obra literária. É preciso dizer, porém, que o público, ainda antes da crítica, já havia aceitado plenamente o texto siloniano, resposta objetiva referendada pela vasta difusão de seus romances.

O professor Giancarlo Borri³⁹ afirma que Silone continua a constituir um “caso”, agora mais literário do que político, pelo fato de que o escritor é muitas vezes negligenciado, pouco recordado ou estudado profunda e adequadamente nas escolas e nas universidades italianas. Segundo esse crítico literário, isso ocorre por se tratar de uma personagem incômodo, que requer empenho e que suscitaria muitas discussões. Os temas tratados pelo escritor são de tal profundidade que tomá-los como objeto de estudo significaria ir ao cerne de questões fundamentais, filosóficas, teológicas, sociais, que em geral é preferível que não sejam tocadas.

A essa altura parece-nos apropriado traçar o percurso literário feito por Ignazio Silone, que, na opinião de Vittoriano Espósito, é *uno degli scrittori simbolo del Novecento non solo italiano*⁴⁰.

1.4 A originalidade do fazer literário siloniano

O percurso literário siloniano tem início, como já dissemos, quando o escritor se refugia em Davos, na Suíça. Sua atividade literária lhe permite, através da memória, um retorno aos lugares da sua infância.

Esse regresso pode ser visto como uma volta afetiva, por meio da arte, às experiências e vivências que marcaram profundamente a vida do escritor. O autor, sozinho, numa terra estrangeira, doente e perseguido, embora sustentado por seus ideais, tem apenas como válvula de escape, sua literatura, tal como podemos observar em *Uscita di sicurezza*:

³⁸ SILONE, Ignazio. 2004, p.6

³⁹ BORRI, Giancarlo. *Il peso della grazia e la fertilità del dubbio*. In: *L'avventura d'un povero cristiano*. 1999, p. 80.

⁴⁰ ESPOSITO, Vittoriano. *La coscienza storica*. In: *Ignazio Silone, dal piccolo mondo alla grande storia*. 2006, p. 88-93.

[...] credevo che non avevo più molto da vivere e allora mi misi a scrivere un racconto al quale posi il nome di *Fontamara*. Mi fabbricai da me un villaggio, col nome degli amari ricordi e dell'immaginazione, ed io stesso cominciai a viverci dentro. Ne risultò un racconto abbastanza semplice, [...], ma per l'intensa nostalgia e amore che l'animava, commosse lettori di vari paesi in misura per me inattesa⁴¹.

Pode-se dizer, portanto, que seu primeiro texto surge como a necessidade de dar um testemunho, um imperativo ético e moral.

Em outro trecho da mesma obra ele afirma que seu escrever não nasceu como um *sereno godimento estetico, ma come la penosa e solitaria continuazione di una lotta*⁴². Vale lembrar que o escritor estava exilado e perseguido pelo fascismo, obrigado, pelos acontecimentos, a abandonar sua atuação política. Assim, seu espírito se encontrava profundamente abatido e desiludido devido ao drama existencial que acompanhava seu dia-a-dia.

Dessa forma, é possível afirmar que os romances silonianos nascem da profunda necessidade de dizer. Ele instaura um diálogo com o leitor, através do qual conta as histórias de miséria e subordinação a que são submetidos os camponeses seus conterrâneos, algo que lhe corrói a alma, sentindo, assim, de forma profunda, a força e a responsabilidade da palavra.

Se la mia opera letteraria ha un senso, in ultima analisi, è proprio in ciò: a un certo momento scrivere ha significato per me assoluta necessità di testimoniare, bisogno inderogabile di liberarmi da una ossessione, di affermare il senso e i limiti di una dolorosa ma definitiva rottura, e di una più sincera fedeltà⁴³.

Conforme afirmamos no capítulo anterior, o percurso de vida de Ignazio Silone é marcado por escolhas, que ele chama de saídas de emergência. O escritor assim define as decisões importantes tomadas em encruzilhadas da vida e que são vivenciadas como a *scoperta di un nuovo continente*⁴⁴, como um grito de um viajante, que chega finalmente a uma nova terra, ou seja, a um porto seguro.

⁴¹ SILONE, Ignazio. 2001, p. 167.

⁴² Ibidem. p. 54.

⁴³ Ibidem. p. 54.

⁴⁴ Ibidem. p. 75.

Dentre as várias opções que teve que fazer, a primeira escolha foi a decisão de mudar-se para a capital e a militância política; a segunda, o afastamento do partido Comunista e a terceira, a de iniciar a escrever.

Entendemos que seja necessário, nesse ponto, lembrar as inúmeras perdas sofridas por Silone e, a partir daí, pensar quanto essas tenham influenciado sua vida como um todo. De fato, toda escolha, ou opção implica o abandono de idéias, lugares, pessoas, ou objetos que definem a nossa identidade, cuja perda é implícita no fato mesmo da escolha de outra coisa.

Portanto, passamos a examinar a primeira dessas escolhas: a saída de Pescara. Esta, muito embora representasse, sem dúvida, o aparecimento de um horizonte, mais amplo de ideais e de possibilidades de contatos e conhecimentos, implicou, todavia, o abandono de referências significativas no que tange ao aspecto afetivo do nosso jovem abrucês. No entanto, a dor dessa saída parece aliviada pelos ideais do Socialismo, que tomaram por inteiro a atividade e a fé de *Secondo Tranquilli*.

No nosso entender, todavia, a escolha de sair do Partido, depois de alguns anos de militância, foi uma decisão ainda mais difícil e dolorosa. De fato, junto à perda do espaço, não apenas do Abruzzo, mas da Itália, ele sofre pelo abandono dos ideais, nos quais acreditara profundamente. Sabemos, também, que a condição dos exilados era muito difícil - perseguidos, sem documentos, sem recursos materiais e privados do afeto familiar.

No entanto, a situação de refugiado levou Silone a encontrar um novo caminho para dar continuidade à busca dos seus ideais. Esses não foram abandonados, mas tomaram outro rumo: a produção artística literária.

Portanto, as escolhas silonianas, anteriormente denominadas pelo próprio autor de *Uscita di sicurezza*, geram novas opções e, por conseguinte, novas produções: *Fontamara*, *Pane e vino* e *Il seme sotto la neve*.

Na apresentação do percurso literário siloniano optamos por enfocar, de forma mais detalhada, alguns romances da produção do escritor e uma apresentação mais resumida de outros escritos e ensaios. Nossa opção por esse caminho visou a dar mais ênfase às obras que têm mais ligação com *Vino e pane*, que será aprofundada.

Fontamara, obra inaugural de Silone, se apresenta como um romance novo na literatura italiana, como já destacamos. É um romance popular, não apenas

pelo conteúdo de denúncia e testemunho da sociedade retratada na obra, mas sim pelo tom, a intensidade da narrativa e também pela língua usada pelo escritor. É como se este emprestasse sua pena para contar as agruras de um vilarejo da Mársica, nos anos que precederam a tomada do poder pelo regime fascista. De fato, o povoado é vítima de atos de prepotência das autoridades locais, que enganam os camponeses sem nenhuma instrução para continuar tirando vantagem para si.

Em *Fontamara*, nome que representa uma aldeia amargurada pelo acontecimento da divisão de uma mina de água, são retratados os estranhos episódios acontecidos num vilarejo. Seus habitantes experimentam, ao lado dos antigos males da miséria, novos atos de prepotência provenientes do regime ditatorial e de antigos senhores que representavam a aristocracia e a Igreja - símbolos do poder. As desgraças na aldeia começaram com a repentina falta de energia, seguida pelo “roubo da água”, pela apropriação indevida de uma trilha para a passagem dos rebanhos e com as freqüentes e violentas incursões das milícias fascistas.

O romance é estruturado como um quadro, no qual as ações são efetivadas por mulheres, jovens, camponeses e autoridades. Um camponês que se destaca na história é Berardo, que se encontra sempre à frente da organização e da luta do povo contra o poder opressor. Embora, no final, os *cafoni* sejam vencidos pela força da prepotência e enganados pelas palavras, eles lutam até o extremo para reivindicar seus direitos.

Berardo, preso e torturado, apesar de sua inocência, sente que oferecer sua vida como sacrifício pode salvar para sempre os *fontamaresi*, depois de tanta luta e séculos de subordinação.

O discurso siloniano, particularmente nessa obra, fica bem próximo da fala dos camponeses e do povo abrucês, que se exprime com frases curtas, intercaladas de ditados populares e provérbios. Todos os diálogos são estruturados no mesmo registro oral utilizado pelo povo, isto é, usando palavras, expressões, entoações e dicção da comunicação cotidiana do vilarejo. Outro aspecto que merece destaque é a ironia empregada com freqüência pelo escritor, que terá um importante significado psicológico, pois revela a alma daquelas pessoas.

Esse romance é a celebração da epopéia dos humildes que, num certo sentido, ficaram excluídos da literatura culta, mas que, a partir da narrativa neo-realista, encontram lugar. Portanto, também as obras que retratam ambientes e

personagens não habituais para um texto literário são reconhecidas produções artísticas em todos os níveis.

Em *Vino e pane*, o escritor se imagina contando *in segreto una lunga storia*⁴⁵ para um cidadão comum. É assim que o autor declara na introdução e, em seguida, coloca algumas reflexões sobre a arte e, mais adiante, confessa que passaria a vida escrevendo e reescrevendo (...) *quell'unico libro che ogni scrittore porta in sé, immagine della propria anima, e di cui le opere pubblicate non sono che frammenti piú o meno approssimativi*⁴⁶.

O romance conta o retorno de Pietro Spina, um jovem intelectual comunista, à sua terra natal, depois de abandoná-la para seguir seus ideais revolucionários. O regresso do jovem para Mársica é motivado não só pela saudade de sua terra natal, mas principalmente por seu estado de saúde debilitado.

Ao retornar abriga-se na casa de um amigo, que o protege, escondendo-o da polícia. Nesse ínterim, usa um disfarce de padre, mudando seu nome para Paolo Spada, transferindo-se para uma pequena aldeia. Assim, sua verdadeira identidade se mantém oculta por um tempo. No lugar onde se esconde, Pietro percebe, logo de início, a miséria em que vive o povo do vilarejo, circunscrito num ambiente de desconfiança, fechado para qualquer tipo de novidade. A constatação do isolamento e da ignorância em que viviam essas pessoas impede a realização de seu desejo de despertar para o sonho de um mundo liberto e justo. Na concepção da personagem esse seria um mundo onde todos poderiam viver como irmãos.

Nesse projeto de fraternidade e justiça se entrevêem os princípios do socialismo em que o escritor acreditara em sua juventude. Mas, também, aparece clara toda a formação religiosa tradicional católica fortemente presente no ambiente cultural abrucês.

No desenvolver do romance, depois de muitas peripécias, Pietro é procurado pela polícia. Quando seu disfarce está prestes a ser descoberto, foge pelas montanhas nevadas.

A história dessa personagem é retomada em *Il seme sotto la neve*. Pietro, ajudado por um amigo, consegue voltar para a casa da avó que o esconde, na esperança de obter para ele a anistia do governo. Mas o neto está decidido a não aceitar, pois não quer renunciar aos seus princípios, seguindo sua consciência.

⁴⁵ SILONE, Ignazio. 2004, p. 4.

⁴⁶ Ibidem, p. 6.

Cansado por um longo tempo de inatividade, Pietro deixa a casa da avó e, na companhia de dois amigos, passa a morar num estábulo. Os três amigos vivem na maior simplicidade, lembrando a pobreza da gruta de Belém, onde cada um se preocupa com o bem-estar do outro.

A liberdade e a simplicidade desse convívio fazem que os companheiros dessa aventura esqueçam a quase indigência em que viviam. Essa situação abre, diante de seus olhos, outra dimensão da vida, mais simples e verdadeira, recuperando o valor da fraternidade e da simplicidade que têm sua origem no Evangelho.

Dentro do romance se alternam várias personagens e se sucedem diversas histórias, sendo a mais relevante delas o elo de amor entre Pietro e Faustina. O sentimento que os dois jovens experimentam é forte, mas Pietro se vê sempre diante do conflito entre o amor por Faustina e o envolvimento com os acontecimentos políticos.

Sebastiano Martelli e Salvatore Di Pasqua⁴⁷ são unânimes em afirmar que a estrutura narrativa de *Il seme sotto la neve* não é linear. Tal procedimento é possível de ser recuperado em outras produções silonianas, quando através de uma técnica narrativa original, passado e presente se entrecruzam na narração, esclarecendo gradualmente a conexão entre os fatos.

Esses romances, como já havíamos falado no capítulo anterior, marcam a entrada de Silone no mundo das letras, embora produzidos nos anos de exílio. Essas obras têm em comum um fio condutor que pode ser detectado a partir de *Fontamara*, onde aparece um ativista que tenta organizar a luta dos camponeses. Nesse caso, nos referimos ao *Solito Sconosciuto*, personagem através do qual o escritor vai revelando e delineando, cada vez com mais clareza, os traços do protagonista que nos ilustram os outros dois romances.

Em *Vino e pane* o escritor vai apresentar e desenvolver a personagem, sem nome, que aparece no primeiro romance. Mais ainda, baseando-nos no que afirma com propriedade Doris Nátia Cavallari⁴⁸, em sua pesquisa sobre o nosso autor, descobre-se uma continuidade, como o próprio escritor afirma, entre Pietro em *Vino e pane*, Rocco em *Una manciata di more*, Andrea em *Il segreto di Luca*.

⁴⁷ MARTELLI, Sebastiano; DI PASQUA, Salvatore. *Guida alla lettura di Silone*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1988. p. 69.

⁴⁸ CAVALLARI Doris Nátia. *A arte de representar o outro: Silone e a criação de um universo polifônico*. Tese de Doutorado, UNESP, 2000. p. 136.

Essas personagens são vinculadas ao *Sconosciuto* que, nas páginas de *Fontamara*, se empenha para despertar o povo em busca de seus direitos.

Com *Il seme sotto la neve*, encerra-se a primeira parte do percurso literário siloniano, ligado aos anos de exílio na Suíça.

Com o término da Segunda Guerra Mundial e em plena crise da ditadura fascista na Itália, foi possível para Ignazio Silone, o regresso a sua pátria. Esse retorno marca o início de uma nova fase de sua narrativa.

Os romances escritos na fase pós-exílio foram listados no capítulo anterior, portanto não achamos oportuno nos alongarmos em uma nova apresentação, pois isto nos afastaria de nosso objetivo. Entendemos que seja útil nos determos apenas em algumas obras que mais diretamente são relacionadas com nosso tema.

Uma dessas é *L' avventura d' un povero cristiano*, um drama em três atos, centralizado na figura de Pietro da Morrone, um eremita eleito Papa em 1294 com o nome de Celestino V.

Toda a narrativa gira em torno do drama de um homem diante de sua consciência em conflito com situações e costumes institucionalizados. O fato histórico é que esse Papa, depois de pouco mais de um ano, renunciou ao pontificado, pois lhe pareceu a única possibilidade de se manter fiel a si mesmo e continuar a defender o aspecto humano da mensagem evangélica. Essa, na opinião do eremita, recém-eleito Papa, precisava se libertar dos esquemas e das superestruturas adquiridas ao longo de séculos.

Os motivos que retornam também nesta obra, centralizada na figura do eremita e de seus seguidores, é a utopia de um mundo que tem como base a amizade e a fraternidade que nascem do amor. Nessa obra fica patente o tipo de sentimento moral que define a relação do escritor, enquanto indivíduo, com as instituições políticas e religiosas e seus representantes.

Outra obra importante para a nossa investigação é *Severina* – um romance inacabado, deixado apenas na fase de anotações -, publicada em 1981, depois da morte do escritor, acontecida em 22 de agosto de 1978. O romance é fruto da elaboração realizada pela esposa do escritor, Darina Silone, a partir de apontamentos e notas que o mesmo fizera nos anos que precederam sua morte.

Carlo Annoni pode afirmar baseado em seus estudos que: *È evidente l'intenzione di costituire Severina come una nuova portavoce delle istanze siloniane più tipiche, di un socialismo senza partito e di un cristianesimo senza Chiesa*⁴⁹.

Nesse romance, em que o protagonista é uma mulher, ambientado nos anos dos movimentos de 1968, podemos encontrar nas entrelinhas os valores e princípios que estimularam e motivaram a narrativa do escritor abrucês.

A produção literária siloniana é constituída, além dos romances já citados, por ensaios e outros escritos de cunho político, como é o caso de: *Il fascismo, La scuola dei dittatori*, entre outros.

1.5 As temáticas recorrentes na obra siloniana

Após nosso passeio pela produção literária e cultural de Silone, iremos nos deter nos principais motivos que orientam a sua pena, aqueles que emergem e retornam com frequência em suas obras. Achamos oportuno sublinhar, mais uma vez, que Silone se sente visceralmente ligado a sua gente, ou seja, aos *cafoni*⁵⁰ de sua região. Ele sabe muito bem que esse termo, para o seu povo, é motivo de ofensa e de escárnio, mas, no Prefácio da Fontamara, ele explica o porquê:

Io so bene che il nome di cafone, nel linguaggio corrente di mio paese, sia della campagna che della città, è ora termine di offesa e dileggio; ma io l'adopero in questo libro nella certezza che quando nel mio paese il dolore non sarà più vergogna, esso diventerà nome di rispetto, e forse anche di onore⁵¹.

O forte sentimento de ligação do escritor à sua terra não é apenas motivo de orgulho, mas algo bem enraizado na sua pessoa. Portanto, para o nosso autor, narrar a história vivenciada pelos *cafoni* - envolver-se com o destino deles - significa trazer ao conhecimento público as lutas dessas pessoas pela sobrevivência e, principalmente, fazer uma denúncia das endêmicas condições de pobreza a que estão sujeitos.

⁴⁹ANNONI, Carlo. 1985, p. 77.

⁵⁰No italiano o termo '*cafone*' tem um significado pejorativo. Silone o usa como homenagem ao homem do campo e como respeito por sua condição na esperança que esta palavra perca sua conotação negativa.

⁵¹SILONE, Ignazio. 2006, p.6.

Silone mostra como esses humildes camponeses efetivavam suas vidas na luta travada com a terra e o tempo, tal como podemos observar nessa descrição em *Vino e pane*: [...] *Li vedeva risalire la valle stancamente, cenciosi e affamati, nella loro mossa tipica, protesa in avanti, derivante dall'uso della zappa, dall'uso della soggezione, dall'uso dell'ininterrotta servitù*⁵².

Os camponeses retratados nos romances de Silone são enganados pelas autoridades, tratados como objeto, usados pelo poder público. Eles acreditavam ser livres, mas são usados, como é possível verificar em *Fontamara*, no episódio do transporte dos camponeses para Avezzano, a fim de participar de uma manifestação fascista. Eles funcionavam, nesse contexto, apenas como enfeite de um cerimonial político que sancionava a permanência da injustiça⁵³.

O escritor, todavia, entende que precisa narrar também pequenos acontecimentos corriqueiros, para ilustrar e justificar a postura das pessoas em relação à vida e ao convívio na sociedade.

Sono nato e cresciuto in un comune rurale dell'Abruzzo, in un'epoca in cui il fenomeno che più m'impressionò, [...], era un contrasto stridente, incomprensibile, quasi assurdo, tra la vita privata e familiare ch'era, o almeno così appariva, prevalentemente morigerata e onesta, e i rapporti sociali, assai spesso rozzi, odiosi, falsi⁵⁴.

Parece-nos importante também focalizar com cuidado o tecido social, como nos ensina o escritor em *Uscita di sicurezza*:

Badare ai fatti propri, era la condizione fondamentale del vivere onesto e tranquillo, che ci veniva ribadita in ogni occasione. L'insegnamento della Chiesa lo confermava. Le virtù raccomandate concernevano esclusivamente la vita intima e familiare⁵⁵.

O escritor muitas vezes critica a postura passiva de seus conterrâneos, que imobilizava as pessoas e não lhes permitia assumir posições em relação aos acontecimentos sociais.

⁵². SILONE, Ignazio 2004, p.127.

⁵³ Idem. 2006, p. 96-110.

⁵⁴ Idem. 2001, p. 56.

⁵⁵ Ibidem, p. 57.

Tal procedimento estava bem enraizado tanto nos pobres quanto nos mais abastados, a idéia de que - como afirma Cristina, uma jovem personagem retratada em *Vino e pane* - as desigualdades sociais *sono anch'esse create da Dio e dobbiamo umilmente rispettarle*⁵⁶.

A religião, muitas vezes, reforçava esse pensamento e recalcava a necessidade da submissão dos camponeses às autoridades civis e eclesiásticas. Essas, por sua vez, prezavam as vantagens e benefícios advindos de seus compromissos com as autoridades.

Dessa forma, é possível recuperar a visão que o povo tinha de Deus - um ser distante, embora presenciasse e soubesse sempre de tudo. Deus era visto como aliado e parceiro dos ricos e poderosos. Toda a revolta dos camponeses, então, era contra os santos que eles ofendiam - *mannaggiano i santi sempre con le stesse rozze parolacce*⁵⁷, ou com blasfêmias que, embora não trouxessem a desejada solução, *danno un certo sollievo*⁵⁸.

O fatalismo e o espírito de resignação são outras duas importantes decorrências do sentimento religioso. Os camponeses aceitavam, com um certo fatalismo e resignação, os eventos naturais - como terremotos, secas ou temporais. Até as injustiças e as doenças eram tidas como conseqüências naturais. Essa atitude fica clara nas palavras do carroceiro Magascià, personagem de *Vino e pane*, quando afirma que *Le cose vanno per conto loro. Come l'acqua del fiume. A che serve capire?*⁵⁹. Essa percepção dos fatos e dos acontecimentos sociais, como algo que não pode ser mudado, constitui a grande dificuldade para a transformação da sociedade.

Os heróis dos romances silonianos, após um longo e sofrido processo de conscientização, lutam e se empenham para extirpar e modificar essa postura em relação à vida e à sociedade.

A escrita crítica de Silone que tem como fundo social o solo abrucês, em plena ditadura fascista, não é uma simples narração, fechada em si própria, tampouco tem como único objetivo a denuncia da pobreza e da injustiça. A narrativa siloniana deve ser entendida como uma reafirmação da proposta de possibilidade de construção de uma sociedade justa e igual para todos. Posição reafirmada em *Uscita*

⁵⁶ SILONE, Ignazio. 2004, p.116.

⁵⁷ Idem. 2006, p.11.

⁵⁸ Idem. 2001, p. 61.

⁵⁹ Idem. 2004, p. 214.

di Sicurezza, quando é possível compreender seu sentimento moral e a busca da justiça que o instiga a escrever.

Nos seus romances e, principalmente, nas páginas de *Vino e pane* - nossa obra de estudo - encontramos também o projeto de um socialismo com base nos princípios do Evangelho. Esse é um aspecto retomado, tanto em *Il seme sotto la neve*, quanto em *L'avventura d'un povero cristiano*, na proposta de vida fraterna e de partilha de Pietro Spina e seus companheiros, bem como na comunidade de Pietro da Morrone e seus eremitas.

Outro aspecto que merece destaque nos escritos silonianos é a perspectiva de uma tensão intelectual, como tentativa de penetrar no significado da história. Nesse caso, trata-se de uma visão que pode ser definida como humanismo, voltado à promoção do ser humano como um todo, uma tentativa de fazer confluir, nos valores que os ligam, o socialismo e o cristianismo.

Ainda na opinião de Salvatore Di Pasqua e Sebastiano Martelli⁶⁰, podemos afirmar que as circunstâncias de vida do autor o levaram a viver três experiências essenciais: a pobreza, o comunismo e a religião, de uma maneira tão forte que inviabiliza a separação desses elementos na vida e na arte.

Tal atitude nos permite recuperar os temas da libertação, da regeneração que vem da ação do povo, presenças freqüentes nos romances silonianos. De fato, tanto em *Vino e pane*, quanto em *Fontamara*, Pietro e Berardo, embora de maneira diferente, procuram despertar os jovens e os camponeses para uma postura de reivindicação de seus próprios direitos contra os poderosos e as autoridades que os oprimem.

Reconhecemos, também, que um dos aspectos que aparecem em Silone é a distância cultural entre cidadãos e *cafoni*. Essa pode ser comprovada, inclusive, no discurso lingüístico. Em *Fontamara*, num diálogo entre autoridades e camponeses, uma das personagens, depois de repetidas perguntas, assim se expressa: *Parliamo e non ci capiamo. Parliamo la stessa lingua, ma non parliamo la stessa lingua. Questo è vero e chi non lo sa? Un cittadino e un cafone difficilmente possono capirsi.[...] cittadini e cafoni sono due cose differenti*⁶¹.

Aparecem, assim, dois mundos distantes, onde a língua se torna elemento que dificulta a comunicação. De fato a fala dos camponeses é fechada no dialeto,

⁶⁰ MARTELLI, Sebastiano; DI PASQUA, Salvatore. 1988, p. 105.

⁶¹ SILONE, Ignazio. 2006, p. 21.

intercalada por provérbios e lendas. O uso repetido destes dois recursos da língua determina as escolhas a serem feitas e as verdades duradouras. Por outro lado, a língua dos notáveis e dos homens da cidade se afasta cada vez mais do mundo dos camponeses dos vilarejos.

Portanto, devemos destacar como um tema original dos textos silonianos, a importância do signo verbal. A palavra é um valor que o escritor preza, acima de tudo, principalmente na hora de colocá-la na fala dos seus personagens.

Giuliana Rigobello⁶² sublinha a polifonia existente nas obras silonianas, nas quais podemos encontrar uma linguagem inflada e cheia de retórica, típica do fascismo; uma linguagem abstrata própria do comunismo e a linguagem rude, clara e concreta dos camponeses que chamam as coisas com seu próprio nome.

No entanto, a intenção do nosso escritor é articular a clareza da fala de seus conterrâneos. Ele pretendia tecer sua história com uma narrativa clara, valendo-se da maneira de contar aprendida desde sua infância. Nossa justificativa se fundamenta na afirmação de Walter Benjamin a propósito da relação entre narrativa e narrador. “[...] se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”⁶³. A narrativa é modelada pela pena do escritor, embora essa mantenha sua própria autonomia.

Em *Uscita di sicurezza*, Silone, demonstrando sua contrariedade acerca de uma leitura circunscrita aos aspectos sociológicos e políticos de seus escritos, assim explica o motivo da escolha dos sujeitos de sua narrativa:

La sola realtà che veramente mi ha sempre interessato è la condizione dell'uomo nell'ingranaggio del mondo attuale, in qualunque sua latitudine e meridiano. [...] Se i miei personaggi sono più sovente contadini poveri, intellettuali e preti inquieti, burocrati di opposti apparati e se si muovono in un paesaggio arido, ciò non accade per la mia predilezione di un certo colore locale. Questa è la realtà che meglio conosco, la porto, per così dire, in me stesso, e in essa la condizione umana del nostro tempo mi appare più spoglia, quasi a nudo⁶⁴.

⁶² RIGOBELLO, Giuliana. *Ignazio Silone. Introduzione e guida allo studio dell'opera siloniana. Storia e Antologia della critica*. 1981, p. 157.

⁶³ BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas, Magia e técnica, Arte e política*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996, p. 205.

⁶⁴ SILONE, Ignazio. 2001, p. 176.

Dessa maneira, concordamos com as opiniões de Martelli e Di Pasqua⁶⁵, que embora a narrativa siloniana se alimente da realidade dos fatos narrados, estes se transformam em mito, pois o narrador conduz o leitor a um nível de leitura mais profundo, a um plano anagógico. Assim sendo, o romance se torna alegoria da vida, momento reflexivo sobre os fatos julgados como emblemáticos, que, retratados pela narrativa, podem se tornar um benefício moral para o leitor.

No retrato do mundo siloniano não se pode prescindir da presença da religião, como foi destacado em itens anteriores, por ser uma componente essencial, profundamente radicada na vivência das pessoas e no universo cultural abrucês.

A temática da religiosidade assume vital importância na produção de Silone e por isso há de se constituir um capítulo a parte de nossa pesquisa.

⁶⁵ MARTELLI, Sebastano; DI PASQUA, Salvatore. 1988, p.149.

CAPÍTULO 2

O ROMANCE *VINO E PANE*: RETRATOS, PAISAGENS E TRADIÇÕES DO UNIVERSO ABRUCÊS

2.1 Retratos, paisagens e tradições na terra do Abruzzo

Na confecção da história de *Vino e pane*, Ignazio Silone coloca diferentes personagens, diversas paisagens, dos vales e das montanhas do *Abruzzo*, detalhando costumes e tradições que, num conjunto harmonioso, compõem o corpo dessa narrativa.

O escritor inicia o romance com o velho padre Don Benedetto, que aguarda ansiosamente notícias de Pietro Spina, e termina com Cristina indo atrás de Pietro, que havia fugido pelas montanhas nevadas. Entre o início da espera ansiosa, repleta de curiosidade, e um final incerto e trágico, se desenvolve toda a história do protagonista, numa paisagem monótona, que é interrompida, de vez em quando, por algum acontecimento marcante.

A fábula desse romance é ambientada, sobretudo, num pequeno vilarejo da Itália meridional e retrata o comportamento social dessa comunidade em pleno período do regime fascista. Toda a história se desenvolve ao redor de Pietro Spina, e através dele são retomados fragmentos e traços que podem lembrar a personalidade do escritor.

Para o estudo dessa obra nos apoiaremos nas teorias do teórico Mikhail Bakhtin, que analisa questões referentes ao romance como gênero literário moderno. De fato, o romance nasce como um texto híbrido pela presença, em seu contexto, de fábulas, lendas e provérbios. Portanto, desse encontro entre a cultura oficial e os elementos da cultura popular surge à narrativa do romance que retrata a inserção do homem na história, tornando-o construtor de seu destino.

Nesse sentido, nos ajudam as afirmações de Martelli e Di Pasqua⁶⁶ quando sustentam que na linguagem siloniana confluem diversos registros e códigos bem como: realístico, mimético, popular, fabular, anedótico, alegórico e anagógico. A coexistência desses elementos permite observar que a ação narrativa supera o

⁶⁶ MARTELLI, Sebastiano; DI PASQUA, Salvatore. 1988, p. 149.

dato puramente histórico e pode transformar-se no espaço onde se explica o encontro de uma consciência que interroga uma outra consciência.

A pluralidade de personagens, muitas vezes sem nome, – mulheres, crianças, rapazes, pastores, carroceiros–, que povoam as cenas, são confrontados a outros, chamados pelo nome e cujos papéis marcam as passagens do romance e seu desenvolvimento. A descrição que o escritor faz dessas personagens nos permite identificá-las em um harmônico conjunto formado por elementos da paisagem, das tradições e dos papéis sociais.

Entendemos que seja importante citar para este trabalho a narração do rito da produção do pão, que era feito em casa para satisfazer as necessidades de cada família:

La panificazione era un rito con regole severe. La donna teneva avvolti i capelli con un tovagliolo, come un velo monacale, e passava la farina al setaccio, nella madia aperta. Separava così la farina bianca dalla crusca e il fiore dalla farina ordinaria. La crusca serviva per le galline e il maiale, la farina ordinaria per il pane, il fiore per la pasta. La donna aveva la faccia e le mani incipriate dal polverio della farina che si sollevava dal movimento ritmico del setaccio⁶⁷.

O *Abruzzo* das montanhas e dos vales, retratado na narrativa de *Vino e pane*, aparece nas descrições de paisagens desoladas, mostrando, assim, a pobreza e a precariedade da vida das pessoas que ali viviam.

Tra le rocce, negli avvallamenti composti dai detriti delle alluvioni, si vedevano campicelli coltivati, poderetti che non si miruravano a ettari, ma a *canne* e a *coppe*. Sulle pendici della montagna si vedevano altri di quei minuscoli campicelli, appiccicati come cerotti. (...) I fianchi della valle apparivano sempre più corrosi, screpolati e poveri di vegetazione⁶⁸.

Os animais que povoam a paisagem roubavam, entre as pedras, a escassa vegetação que conseguia brotar da terra seca: *Tra le rocce un branco di capre brucavano a uno a uno i pochi fili d'erba nuova*⁶⁹.

⁶⁷ SILONE, Ignazio. 2004, p.248.

⁶⁸ Ibidem, p.70.

⁶⁹ Ibidem, p.70.

A relação entre homem e animal era muito estreita e estes participavam das mesmas situações e condições de seus donos. Assim, Silone nos conta, entre o irônico e o ridículo, o batizado de um burro na praça do povoado.

Nello spiazzo tra la locanda e il ponte di Pietrasecca, sotto la finestra di don Paolo ebbe luogo una domenica mattina il battesimo di un giovane asino comprato all'ultima fiera. Un giovanotto teneva l'asino per la cavezza e un vecchio contadino lo batteva con una stanga di legno. Dopo ogni colpo i due uomini gridavano alle orecchie della bestia: - Garibaldi.

Garibaldi era il nome scelto per l'asino. Nella mente dei cafoni voleva dire forza e coraggio. Il battesimo si protrasse per le lunghe, perché, naturalmente ce ne volle prima che l'asino si persuadesse di essere Garibaldi⁷⁰.

Neste trecho que acabamos de citar podemos observar como os elementos culturais, tradicionais e religiosos se estendem, não apenas às pessoas, mas também aos animais, companheiros no trabalho e na dura luta pela sobrevivência. Acrescentamos que batizar um burro não significava apenas dar um nome ao animal, mas elevá-lo a um nível mais próximo ao plano humano.

Pietrasecca, o vilarejo escolhido a fim de que Pietro Spina/Don Paolo Spada se curasse, nos é retratado pelo olhar dessa personagem, que, da janela da pensão de Matalena, assim observa a vida dos moradores do povoado. Os dias dos *cafoni* seguiam sempre no mesmo ritmo, como um rito repetido há muito tempo e por muitas gerações:

Era una vita rudimentale. Al mattino passava alla locanda una certa Chiarina con una capra. Matalena prendeva la scodella e mungeva la capra, fino all'ultima goccia di latte. Era l'ora in cui gli uomini erano già partiti e le donne si spiccavano i capelli alla finestra o fuori della porta, affinché gli insetti non entrassero in casa. Verso mezzogiorno arrivava alla locanda una certa Filomena Sapone, con un bambino in braccio e la lattuga del suo orto. Si sedeva sulla soglia della locanda, apriva il busto e ne sortiva i seni; il marmocchio non si faceva pregare⁷¹.

Esse cenário aldeão, marcado pela rotina e a repetição, era interrompido pelas crianças que, com seus gritos e brincadeiras, animavam as ruas e as praças dando vida a uma paisagem monótona e imutável:

⁷⁰ SILONE, Ignazio. 2004, p.74.

⁷¹ Ibidem, p. 80.

I ragazzi del villaggio costituivano, in un certo senso, una comunità a parte, con proprie leggi, propri riti e un proprio dialetto. Tra essi vi erano i primati nel tiro del sasso, nel salto del torrente, nella rincorsa delle lucertole, nell'orinare a distanza contro vento. Le madri gridavano dalla mattina alla sera dietro i loro figli. L'aria risuonava spesso delle maledizioni più terribili, alle quali però nessuno faceva caso, tanto erano frequenti⁷².

Nesse cenário, identificamos também o espaço do elemento religioso, profundamente enraizado na cultura abrucesa e no coração das pessoas, transformando-se, outrossim, em um aspecto importante da paisagem. Assim, o carroceiro Magascià explica para Pietro o motivo da presença de uma capelinha construída ao lado da estrada que de Fossa dei Marsi levava a Pietrasecca.

È una cappella consacrata alla Madonna delle Rose, ricorda un antico miracolo. In quell'anno, nel mese di gennaio, si videro fiorire le rose, maturare le ciliegie, figliare le pecore. Invece di rallegrarsi, naturalmente la gente cominciò ad avere paura. Tutte quesse gentilezze non annunciavano per caso qualche grande sciagura? Infatti d'estate arrivò il colera⁷³.

O sentimento religioso dos camponeses oscilava sempre entre o medo, o respeito e a confiança para com a divindade objeto de sua devoção. De fato, nessa outra história vemos que as imagens que reproduziam os santos e o próprio Jesus Cristo eram retratadas com as mesmas características dos *cafoni* que a eles confiavam suas agruras, faziam seus votos e pagavam as promessas. Portanto, uma estátua representava Cristo que *sembrava un cafone ammazzato in una rissa e già in disfacimento*⁷⁴, enquanto a sua Mãe dolorosa *pareva la vedova di un ricco commerciante perseguitato dalle disgrazie*⁷⁵. Esta, com os olhos para o céu, segurava *il figlio nel quale aveva riposto tante speranze e che peggio non poteva finire*⁷⁶. Uma escrita acompanhava a estátua - *Videte se dolor vester est sicut dolor meus*⁷⁷, essa frase resumia toda a dor da Mãe do crucificado que abarcava, nesse sofrimento, todas as dores dos que nela procuravam alívio em suas aflições.

⁷² SILONE, Ignazio. 2004, p.81.

⁷³ Ibidem, p. 70.

⁷⁴ Ibidem, p. 233.

⁷⁵ Ibidem, p. 233.

⁷⁶ Ibidem, p. 233.

⁷⁷ Tra. "Vejam se vossa dor é igual à minha dor". SILONE, Ignazio. 2004, p. 233. Frase repetida de tradição religiosa

A partir dos trechos de *Vino e pane*, acima citados, podemos entender, por meio das reflexões do protagonista que observa os personagens e as paisagens, como os camponeses conduziam suas vidas. Mas, nos é possível ainda conhecer um pouco da vivência de uma religiosidade antiga e supersticiosa. Nesse caso, estamos recorrendo a um exemplo já citado, mas que, nesse contexto, nos oferece uma outra perspectiva.

A metà strada egli incontrò una donna che faceva lo *strascino*, che camminava cioè in ginocchio a un lato della strada. [...] Da principio don Paolo pensò che fosse una pazza. Invece, come la povera donna spiegò, era una madre che aveva il figlio in guerra e in un momento di fervore religioso, per allontanare un oscuro presentimento, aveva fatto voto di scendere in ginocchi da Pietrasecca a Lama per ottenere dalla Vergine che il figlio tornasse sano. [...] Poiché era stato pronunziato, ora doveva adempierlo. Se avesse mancato il voto, il figlio certamente sarebbe morto.⁷⁸

Todavia, nos valemos mais uma vez da opinião de Giuliana Rigobello⁷⁹, quando afirma que tanto a paisagem quanto os personagens entram no romance pela relação com Pietro Spina. São os fatos relacionados a ele que unem as histórias das demais personagens. Todos os fatos narrados encontram-se relacionados com o protagonista, que observa, escuta, chora, se comove para, posteriormente, refletir sobre os acontecimentos ao seu redor.

Entretanto, Doris Nátia Cavallari⁸⁰ sublinha que, embora Pietro Spina conviva com diversas pessoas, sua experiência é bastante solitária, pois ele não pode interagir com os outros, mostrando-se assim como é verdadeiramente. De fato, atrás de seu disfarce de padre, ele esconde suas idéias políticas e ideais revolucionários que são revelados apenas ao seu velho professor, Don Benedetto, e ao seu amigo Luigi Murica, que acaba sendo morto pela polícia fascista. No entanto, mesmo na sua veste de padre, Don Paolo Spada, o jovem revolucionário, em seus diálogos, não deixa de manifestar suas idéias, apesar de contrárias às tradições locais e à doutrina religiosa oficial.

No capítulo anterior, já tivemos a oportunidade de mostrar os traços de algumas personagens que tem uma relação importante na trama dessa obra siloniana.

⁷⁸ SILONE, Ignazio. 2004, p. 276.

⁷⁹ Cfr. RIGOBELLO, Giuliana. 1981, p. 77.

⁸⁰ CAVALLARI, Doris Nátia. 2000. p.147.

A seguir faremos um passeio pelo romance à procura dos perfis de outras personagens que se destacam nessa narrativa.

A mulher que Pietro encontra na fonte perto de seu refúgio, Margherita, é descrita assim:

Era una ragazza robusta, sicura di sé, non facile a intimidire; aveva ciglia foltissime, spalle e collo poderosi, di donna da fatica, come pure le anche; ma il naso sottile, gli occhi svegli e ironici, la magrezza delle caviglie dimostravano una fattura non ordinaria⁸¹.

Os traços colocados conotam uma personalidade feminina forte, decidida, inteligente, que não se deixa intimidar pelo estranho e desconhecido jovem sedento, não apenas de água, mas, também de carinho e compreensão. Esta, com suas argumentações, induz o seu interlocutor, a manter-se fiel aos princípios de fraternidade nos quais acredita.

Uma personagem que não pode passar despercebida é Bianchina que Pietro tem a oportunidade de conhecer na sua rápida passagem por Rocca dei Marsi, a caminho de Pietrasecca, lugar escolhido para se curar da doença e ficar escondido da polícia que estava à sua procura.

Bianchina, filha de uma família da pequena burguesia local, é apresentada para o falso padre, Paolo Spada, que se encontrava de passagem pela região. A moça estava beirando a morte, por causa de um aborto praticado com meios caseiros, para não envergonhar e ocasionar a desonra para a sua família.

Pietro Spina/Don Paolo Spada é introduzido contra sua vontade no quarto da enferma. Diante de tanta dor, ele se comove e chora. Aos seus olhos a jovem aparece: *Tra folti capelli neri (...) una faccetta livida, affilata, infantile, deformata dal dolore. (...) La coperta leggera modellava il suo gracile corpo in disfacimento, i seni in rilievo come due limoni, le gambe stecchite*⁸².

Diante desta cena, o padre afirma que o perdão que a moça invoca está assegurado, devido à dura penitência que lhe causara tanto sofrimento.

Bianchina reaparece mais adiante na história e, em sinal de sua gratidão, executa valiosos e secretos serviços para Don Paolo, além de guardar, para si, a revelação da falsa identidade do jovem.

⁸¹ SILONE, Ignazio. 2004, p. 47.

⁸² Ibidem, p. 67.

Uma figura que se apresenta bem diferente dessa que acabamos de mostrar é a de Cristina, que Pietro encontra no período de permanência em Pietrasecca.

Bem diferente é a impressão causada por essa jovem. De fato, aos olhos do padre, a moça se esconde sob uma luz tão delicada que a torna quase irreal: *Il suo viso, le sue mani avevano il pallore delle rose bianche, ma per la luce dei suoi occhi e la grazia del suo sorriso non vi erano similitudini nella natura*⁸³.

Sublinhamos que Cristina, herdeira de uma família burguesa em decadência e prestes a extinguir-se, sem herança e sem herdeiros, tem a tarefa de salvar a família do declínio definitivo. Por esse motivo, ela teve de renunciar à sua partida para o convento e preocupar-se com os afazeres domésticos. De fato, depois da morte do pai ficaram confiadas aos seus cuidados uma tia, sua própria mãe doente e a avó bem idosa, que pode ser vista como símbolo de oposição e de resistência à mudança.

Cristina conseguiu fazer que Don Paolo superasse seu sentimento de solidão forçada e de afastamento de todos, sendo obrigado a viver naquele pequeno vilarejo. Esse religioso, todavia, sente o conflito de não poder ser sincero com Cristina e revelar a verdade acerca de sua pessoa e sobre seus pensamentos. Todavia, a permanência nesse lugar, graças ao encontro com a moça, lhe permitiu um retorno ao passado.

Esse encontro é descrito no caderno dos *Dialoghi con Cristina*:

In questa bellissima Cristina ritrovo molti tratti della mia adolescenza, quasi direi un ritratto di me stesso (...) uno specchio di quello che allora anch'io sentivo e pensavo: la stessa infatuazione d'assoluto, lo stesso ripudio dei compromessi e delle finzioni della vita ordinaria, anche la stessa disponibilità al sacrificio⁸⁴.

A esse propósito, observa Bakhtin que nós “somos menos aptos a perceber o todo da nossa pessoa”⁸⁵. E ainda, Cavallari⁸⁶ sustenta que Pietro recupera nas anotações de seu passado e na expressão de outras vozes do presente o incentivo para refletir e reorganizar seu mundo interior. Assim, a voz ingênua de Cristina, a

⁸³ SILONE, Ignazio. 2004, p. 92.

⁸⁴ Ibidem. 2004, p. 99.

⁸⁵ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. In : CAVALLARI, Doris Nátia. 2000. p.159.

⁸⁶ CAVALLARI, Doris Nátia. 2000, p.159.

sensualidade de Bianchina, a voz arcaica do mundo campesino, Don Benedetto e Luigi Murica participam do nascimento do homem novo que descobrirá na solidariedade o valor fundamental para sua humanização. De fato, o relacionamento positivo que se instaura entre os dois jovens acarreta melhoria à saúde do padre e à vida da jovem que, com surpresa para a dona da hospedaria, volta a abrir uma janela fechada há anos e a colocar flores nessa sacada.

Cristina acompanhará a estadia de Don Paolo em Pietrasecca e, quando ele se vê obrigado a fugir, às pressas, devido à perseguição da polícia, ela o acompanha. Essa perseguição que se estendeu inclusive pelas montanhas cobertas de neve terá um final trágico, quando a moça é devorada pelos lobos famintos e solitários que proliferavam nas montanhas do *Abruzzo*. O romance se conclui com o sacrifício de Cristina que assim nos é narrado pelo escritor:

Ogni tanto continuava a chiamarlo: - Pietro, Pietro. A un certo punto una voce rispose da lontano, ma non era una voce umana. Pareva il guaito d'un cane, ma più acuto e prolungato. [...] Era l'urlo del lupo.[...] Attraverso il nevischio e l'oscurità della notte incipiente, Cristina vide accorrere una belva verso di lei, apparendo e sparendo velocemente, attraverso i fossati di neve. Da lontano ne vide apparire altre. Allora s'inginocchiò, chiuse gli occhi e si fece il segno della croce⁸⁷.

Na história do relacionamento entre Pietro Spina/Paolo Spada e Cristina, podemos deduzir um caso de amor que culmina em maneira trágica, com o sacrifício da vida da jovem.

Essa morte de Cristina entre as montanhas nevadas nos faz lembrar um provérbio conhecido pelos abruceses pela estreita ligação com a terra e os elementos da natureza. *Sotto la neve pane, sotto la poggia, fame*, ou seja, a neve guarda a semente até ela brotar e dar seu fruto abundante.

Entendemos, portanto, que a morte trágica de Cristina, a partir de uma leitura simbólico-alegórica - possível de ser feita no estudo da escrita siloniana -, constitui a possibilidade da colheita de um fruto maduro que se desenvolverá em *Il seme sotto la neve*. De fato, a jovem, como uma semente escondida debaixo da terra, que morre para frutificar, permitirá o nascimento de um novo Pietro. Esse, regenerado, pelo sacrifício da jovem, nascerá para uma nova vida.

⁸⁷ SILONE, Ignazio. 2004, p. 292.

O romance *Vino e pane* oferece, além de Cristina, o exemplo de Luigi Murica, como símbolo de sacrifício da sua própria vida a favor de outros. Comportamento semelhante encontramos em *Fontamara* com Berardo Viola que prefere perder a vida para que os benefícios conseguidos pelos *fontamaresi* não sejam perdidos.

Ainda retomando a pesquisa de Cavallari⁸⁸, percebemos, nos romances acima citados, que a morte de certos heróis silonianos tem uma função definida, pois eles deixam de ser personalidades isoladas para se tornarem outras, ou seja, personalidades outras. Tal mudança é fundamental na vida dessas personagens, já que proporcionam esse processo de identificação ao deixarem suas vozes, esses heróis se perpetuam na memória coletiva e estabelecem um diálogo permanente com aqueles que estiverem dispostos a ouvi-los.

Vino e pane nos é apresentado pelo escritor, ainda no prefácio, como a narração de uma longa história. De fato, o escritor se imagina contando sua história para um cidadão comum que se torna o interlocutor em seu diálogo.

Pietro Spina/Paolo Spada, personagem central dessa obra, é elevada como símbolo do universo ficcional que constitui a coluna de sustentação de *Vino e pane*.

2.2 Homens e personagens: Pietro Spina símbolo do universo ficcional da produção siloniana

O protagonista de *Vino e pane* nos é apresentado por Don Benedetto numa reunião com ex-alunos e colegas de Pietro Spina. Esse idoso professor, retomando velhas e amareladas folhas de redações do ginásio daqueles alunos, lembra do melhor de seus discípulos com a leitura destas linhas: *Non vorrei vivere secondo le circostanze, l'ambiente e le convenzioni materiali, ma, senza curarmi delle conseguenze, vorrei vivere e lottare per quello che a me apparirà giusto e vero*⁸⁹.

E ainda, comentando o comportamento de Pietro, o professor relembra que ele desejava aprender sempre mais e, também que, às vezes, protestava com os professores para defender algum de seus colegas, pois não suportava injustiças.

⁸⁸ CAVALLARI, Doris Nátia. 2000, p.62.

⁸⁹ SILONE, Ignazio. 2004, p. 29.

Pietro Spina é obrigado a deixar sua terra natal e sua idosa avó por causa de tristes acontecimentos familiares os quais, reforçados por motivos políticos, o levaram a emigrar para terras estrangeiras.

Pietro Spina é a grande personagem da produção sioniana que experimenta a volta para casa após vários anos de exílio. O percurso dessa personagem, seu retorno à terra natal, simboliza o caminho em direção de sua interioridade para uma mais profunda humanização do homem.

O protagonista aparece no terceiro capítulo, quando, de volta para a Mársica, por uma grave doença que o acometera, se refugia no estábulo de Cardile, um companheiro conhecido nos anos de sua permanência na França.

Cardile, sincero e genuíno camponês, lembra da prazerosa companhia de Pietro, quando sentados no chão, no porto de Marselha, conversavam *dell'uomo, della terra, della vita*, ora debatendo, ora brincando e rindo:

Io penso, ecco una persona con la quale non ho a che fare né per il lavoro, né per le carte, né per altri certificati; egli non viene a me come un prete, né come un maestro, né come un propagandista, gente che sa tutto e che è pagata per convincere gli altri. Ecco uno che viene a me come un uomo⁹⁰.

É na lembrança daqueles dias que Pietro é acolhido, em sua volta para Mársica, e, graças ao abrigo desse amigo, o jovem encontra amparo e os cuidados necessários para se curar. Todavia, Nunzio Sacca, o médico e antigo companheiro de escola chamado para examinar o doente, tem dificuldade de reconhecer o velho amigo por causa do envelhecimento precoce provocado por uma tintura aplicada no rosto do jovem fugitivo.

Pietro non era mai stato quel che si dice un bel ragazzo, ma per la sua irruenza e franchezza, il suo viso era spesso illuminato da un fuoco interno che lo rendeva attraente agli occhi delle donne. [...] Gli occhi grandi stralunati nelle occhiaie profonde e la bella fronte spaziosa erano i soli tratti che potevano ricordargli l'antico compagno⁹¹.

Embora a aparência do jovem estivesse muito mudada, a polícia que estava a sua procura o reconheceria; portanto, era preciso encontrar um disfarce para

⁹⁰SILONE, Ignazio. 2004, p. 35.

⁹¹Ibidem, p. 38.

ele. Podemos observar que o protagonista de *Vino e pane* se serve de uma tintura, no rosto e nos cabelos, que o faz envelhecer, dissimulando, assim, sua verdadeira idade.

Apoiamo-nos, mais uma vez, na pesquisa de Cavallari⁹², ao sustentar que “a máscara”, sobretudo nesse romance siloniano, se torna fundamental para a descoberta da interioridade do protagonista. Este esconde sua identidade, suas feições e até seu nome e, esta ocultação leva ao nascimento de um homem novo.

Os dias passados no estábulo de Cardile, que o escritor avizinha a um presépio, proporcionaram ao jovem, depois do retorno à terra natal, o início do caminho de volta em direção de sua própria interioridade. Esse regresso marca, na trajetória da personagem, um outro início, um recomeço que lhe proporciona uma postura diferente. É por isso que então Pietro experimenta um novo vínculo com esse mesmo solo e com a natureza; agora ele se sente parte integrante dessa paisagem e personagem dessa história.

Era difficile per lui spiegare il suo stato d'animo. Egli era colpito dalla naturalezza delle cose che erano là, davanti a lui, al loro posto, non più nella sua ossessione di emigrato, nel mondo fittizio, nella campagna fittizia, della sua immaginazione. Ed il proprio corpo malato come una cosa naturale accanto a cose naturali; como un oggetto tra oggetti, un mucchietto d'ossa indolenzite. Neppure come un oggetto centrale o fondamentale, rispetto agli altri, ma come un oggetto concreto e limitato: un prodotto della terra. Il corpo era disteso sulla paglia. (...) La paglia era gialla, il pane bruno, il vino rosso⁹³.

Esse trecho mostra o início das angústias para o nascimento do homem que renasce do seio de sua terra mãe.

O motivo da volta nos é explicado pelo próprio Pietro nessa conversa com o seu amigo médico: *Vedi, Nunzio, a me capita come ai vini di queste nostre vigne: non sono mica spregievoli, ma, portati in altro clima, diventano stupidi. Altri uomini e vini, invece, sembrano creati apposta per l'esportazione*⁹⁴.

Com esse esclarecimento o jovem afirma que não voltaria para o exterior. Mas ele precisava se esconder. Embora, seu semblante estivesse tão mudado, a

⁹² CAVALLARI, Doris Nátia. 2000, p. 137.

⁹³ SILONE, Ignazio. 2004, p. 45.

⁹⁴ Ibidem, p. 40.

polícia, que estava à sua procura, o teria reconhecido. Portanto, é do seu amigo medico a idéia do disfarce de padre, ao qual Pietro se opõe de forma veemente.

A transformação de Pietro em padre, ou seja, em Don Paolo Spada, segue um rito improvisado e quase irônico realizado pelo amigo Nunzio, tendo como testemunha uma vaca e um burro. Ele se torna Don Paolo Spada, tendo como destino Pietrasecca, lugarejo, escolhido para sua recuperação física.

Dessa forma, entendemos ser importante abrir um espaço para uma reflexão sobre os nomes que o escritor escolhe para esta personagem. Podemos perceber a abrangência da simbologia que se encerra nessa escolha. De fato, Pietro e Paolo são os nomes dos dois apóstolos considerados fundamentos da Igreja Católica.

O recurso do simbólico, que Silone utiliza nesse caso, é assim explicado por Martelli e Di Pasqua⁹⁵ que afirmam, porém, que Pietro encarna uma nova forma de sacerdócio. Sua tarefa não é aquela de secularizar o cristianismo ou a Igreja, mas sim, sacralizar o cotidiano. De fato, a idéia de que o lugar privilegiado para a manifestação do divino é o mundo inteiro é retomada com freqüência em *Vino e Pane*. Dessa forma, cada lugar e situação estão igualmente aptos para sacralizar a vida.

No romance, a própria narração alimenta a ambigüidade dessa dupla personagem Pietro Spina/Paolo Spada, como acontece, inclusive no desenvolvimento desse trabalho.

Os críticos acima citados sustentam que há situações em que Paolo Spada, aceitando como real a condição de disfarce, se torna personagem por si próprio. Portanto, o seu sacerdócio perde a conotação de ficção e se transforma numa investidura por um especial carisma reconhecido por aqueles que descobrem a singularidade da personagem.

A carroça que levaria o padre novo para Pietrasecca, para se curar e ficar menos exposto à procura da polícia, atravessou Orta, o vilarejo da sua infância. A descrição da passagem da carruagem pelas ruas do povoado, submerso nas luzes do crepúsculo, é comovente:

Don Paolo si sedette con le spalle verso il cocchiere, in modo da guardare le ultime luci del borgo. Sparse qua e là si vedevano ancora una decina di finestre illuminate, poi una si spense sulla collina, una in basso, vicino al

⁹⁵ Cfr. MARTELLI, Sebastiano; DI PASQUA, Salvatore. 1988, p.55.

mulino, una verso il fiume, poi di nuovo una sulla collina. Don Paolo poteva riconoscere ogni casa, ogni camino, ogni finestra, ogni orto. [...] A mezza costa sulla collina, egli riconobbe la 'sua' vigna, l'ultimo resto dell'eredità paterna. [...] Gli occhi di don Paolo si riempirono di lagrime⁹⁶.

A lembrança de lugares e pessoas que constituíram seu mundo afetivo se torna uma mistura de tristeza e recordações que acalma seu coração, embora enchesse seus olhos de lágrimas. O pensamento vai para as coisas queridas, guardadas na memória e que agora voltam à tona. Seu pensamento vai para a sua avó idosa e tenta imaginar como ela está, o que estaria fazendo e se ainda se lembrava dele.

Pietro Spina, nas vestes de Don Paolo, revestido de uma indumentária religiosa, logo percebe o significado que essa vestimenta representa para o mundo camponês e de sua expectativa em relação ao papel desenvolvido pelos padres naquela sociedade.

O velho provérbio que reza que *l'abito non fa il monaco* é dessacralizado quando ao novo clérigo, o carroceiro que o acompanha nesse trajeto em direção de Pietrasecca lhe pede uma carta de recomendação 'genérica', sempre útil para qualquer ocasião. Dessa maneira, podemos aquilatar o prestígio que a figura do padre tinha naquele ambiente rural e tradicionalmente católico.

A mesma expectativa em relação à figura do padre Pietro Spina/Paolo é verificada na pensão de Berenice Girasole, onde o jovem pernoita antes de retomar a estrada. É ali que ocorre o episódio de Bianchina, anteriormente citado. Depois de várias justificativas para negar ajuda à jovem doente, como, por exemplo, o fato de não pertencer àquela diocese e que estava apenas de passagem por aquela região, ele teve de assumir essa identidade e prestar socorro espiritual à moça.

Depois desse episódio, Don Paolo torna-se famoso, pois no entender das pessoas ele tinha realizado um milagre; de fato, pela sua intervenção a jovem ficou curada.

Sua chegada a Pietrasecca, local escolhido para sua recuperação, lhe oferece a seguinte visão:

Don Paolo vide davanti a sé una sessantina di cassette affumicate e screpolate, di cui una parte avevano le porte

⁹⁶SILONE, Ignazio. 2004, p. 60.

e le finestrelle chiuse, essendo probabilmente deserte. Il villaggio appariva costruito in una specie d'imbuto, incavati nella chiusura della valle. Non si scorgevano che due sole case civili⁹⁷.

Os dias do doente passavam na maior monotonia e na expectativa de retomar a propaganda revolucionária, embora bem cedo se deparasse com o egoísmo, a superstição e a resignação dos camponeses.

Para aliviar o tédio do lugarejo folheia uns livros sobre a vida dos santos que Nunzio lhe dera para completar o disfarce de padre. Dessa leitura Don Paolo confessa que:

Dalle pieghe più recondite della memoria riemergevano lentamente i simboli e i ricordi dei terrori infantili. Così arrivò un giorno che si sentí sempre più attratto da quei libri sacri e finí per leggerli ogni sera finché gli occhi vi resistevano⁹⁸.

Pietro se dava conta, então, da vida anormal que até então levava, fato que o faz a desejar *mettere il basto all'asino e andare alla vigna*⁹⁹. Ele supõe que a origem de suas angústias, talvez, se encontrasse no descumprimento da antiga Lei, que estabelece que cada um ganhe seu pão com seu próprio suor. Essa descoberta é confessada numa carta a Nunzio, o amigo médico: *Non sono più un contadino, ma neppure sono diventato un politico; mi è impossibile tornare alla terra, ma ancora più difficile tornare nel mondo immaginario in cui ho vissuto finora. Mi vengono pensieri strani*¹⁰⁰.

Outro momento de reflexão, ou seja, um diálogo consigo mesmo, nos é oferecido nos textos que compõe os *Dialoghi con Cristina*, já citado anteriormente, onde confessa que *un certo numero di grossi nodi siano arrivati al pettine*¹⁰¹ e conclui que talvez seja essa situação a causa de sua doença.

Pietro não se diz arrependido por ter-se afastado *dalle spelonche dell'egoismo e dell'ipocrisia*¹⁰² de seus concidadãos; sua angustiante pergunta agora é: *sono stato fedele alla promessa?*¹⁰³

⁹⁷ SILONE, Ignazio. 2004, p. 71.

⁹⁸ Ibidem, p. 76.

⁹⁹ Ibidem, p. 87.

¹⁰⁰ Ibidem, p. 88.

¹⁰¹ Ibidem, p. 99.

¹⁰² Ibidem, p. 99.

¹⁰³ Ibidem, p. 100.

A resposta a essa interrogação e a outras, ele encontra no seu interior, pois ele é seu próprio interlocutor, já que não podia revelar sua verdadeira identidade aos outros. Portanto, podemos notar que, também para essa personagem siloniana, a escrita se torna o elemento que permite sua volta às origens, o retorno ao centro de seu ser, onde haviam nascido os mais profundos e verdadeiros ideais.

É importante observar que o movimento de retorno empreendido por Spina/Spada espelha de certa forma o mesmo percurso do escritor abrucês, obrigado a deixar sua terra natal em busca de seus ideais, que o impeliram a optar entre o partido e a religião.

Dessa forma, Pietro Spina/Paolo Spada lembra, assim, sua entrada no socialismo e o abandono da Igreja que, em sua opinião, parecia se identificar com a sociedade mesquinha e cruel contra a qual lutava, embora acreditasse na validade de seus dogmas e na eficácia de seus sacramentos. Todavia, uma pergunta o incomodava sempre, quando pensava na sua crise política:

É possibile partecipare alla vita politica, mettersi al servizio di un partito e rimanere sincero? La verità non è diventata, per me, una verità di partito? [...] Sarei dunque sfuggito all'opportunismo di una Chiesa in decadenza per cadere nel machivellismo di una setta?¹⁰⁴

Pergunta que pensamos ser possível responder com a afirmação de Giuliana Rigobello¹⁰⁵, que reconhece que o revolucionário retornado ao *Abruzzo* não é mais o rígido comunista dos anos da adesão ao movimento. As discussões com os antigos companheiros encontrados em sua viagem a Roma, as conversas francas com o velho companheiro de luta política reencontrado na Mársica, Luigi Murica e as confissões nos *Dialoghi con Cristina* revelam uma crise já madura para a decisão do afastamento definitivo do partido.

Todavia, deve-se ao retorno à sua terra a retomada do contato com a sua gente e a tentativa de *tornare nei ranghi, di ritrovare, a ritroso, il bandolo dell'imbrogliata matassa*¹⁰⁶, a reaproximação consigo mesmo.

¹⁰⁴SILONE, Ignazio. 2004, , p. 100.

¹⁰⁵RIGOBELLO, Giuliana. 1981, p. 70.

¹⁰⁶Idem. 2004, p. 100.

Em seu retorno à terra natal, Pietro entende que, apesar das dificuldades naturais dos *cafoni* na apreensão do jogo político, é preciso continuar a luta e é responsabilidade dos intelectuais encontrarem novas formas de ação.

O escritor abrucês, sustenta Cavallari¹⁰⁷, explora em toda sua obra a temática do retorno à região natal; os heróis voltam trazendo novas idéias e experiências, novos “olhares” e se defrontam com pessoas acostumadas a ver o mundo pela ótica dos poderosos e dos clérigos, os quais reforçam as crenças da cultura arcaica da sociedade fechada. É por isso que Pietro afirma que é preciso não apenas pregar uma doutrina, mas sim entender os oprimidos, ajudá-los a não pensar somente neles próprios, mas despertar suas consciências para sua própria humanização; eles devem encontrar em si mesmos a força para se oporem à injustiça e conquistar, assim, a própria liberdade.

Nessa personagem, Silone faz confluir o encontro entre o socialismo e a religião, tanto que Don Benedetto, numa conversa com a jovem Cristina, diz a respeito de Pietro que *il socialismo è il suo modo di servire Dio*¹⁰⁸. O velho padre que conhece bem seu ex-aluno continua sustentando a respeito dele: *É un uomo che da ragazzo fu toccato da Dio e da Dio stesso lanciato nelle tenebre, alla sua ricerca. Sono sicuro che egli ubbidisce ancora alla Sua voce*¹⁰⁹.

É ainda através das explicações desse velho professor, que não acredita no ateísmo de Pietro, que nos esclarece que: *Per il resto, non sono quelli che dicono messa e si professano ministri di Dio, coloro che Gli sono piú vicini nell'intimità dello spirito*¹¹⁰.

O afastamento de Pietro da religião não significa o abandono da fé. Segundo sua perspectiva, ele abraça o socialismo como uma nova forma de religião.

A opção de Pietro é justificada por Don Benedetto, que explica os tortuosos caminhos da fé:

“Non sarebbe la prima volta che il Padre Eterno è costretto a nascondersi e assumere pseudonimi. Egli non ha mai tenuto eccessivamente, tu lo sai, al nome e cognome che gli uomini gli hanno affibbiato; [...] E poi la Storia Sacra è zeppa di esempi di vita clandestina. Hai mai approfondito il significato della fuga in Egitto? E

¹⁰⁷ CAVALLARI, Nátia Doris. 2000, p.54.

¹⁰⁸ SILONE, Ignazio 2004, p. 268.

¹⁰⁹ Ibidem, p. 269.

¹¹⁰ Ibidem, p. 242.

anche piú tardi, in età adulta, Gesù non fu costretto varie volte a nascondersi per sfuggire ai farisei?”¹¹¹

Esse pensamento e essa posição do considerado professor surpreendem e aliviam o jovem em sua busca de uma conciliação de suas escolhas. De fato, a esse propósito afirma Giuliana Rigobello¹¹² que a revolta de Pietro Spina, sua discordância fora contra a Igreja histórica que se colocara sempre ao lado da classe dominante e que se identificava com a sociedade corrupta.

A elucidação dessa escolha nos é oferecida através de várias passagens protagonizadas por padres coniventes com o poder, verdadeiros representantes de uma igreja parceira dos poderosos.

Assim, somos levados a reconhecer que há, portanto, uma grande diferença entre determinados tipos de padres e Don Paolo Spada, como ele mesmo afirma, procurando se explicar com Bianchina, acerca de certas suas afirmações:

La maggior differenza tra noi consiste nel fatto che essi credono in un Dio domiciliato sopra le nuvole, seduto sopra una poltrona dorata, e vecchissimo; mentre io sono persuaso che Egli è un ragazzo, veramente in gamba e sempre in giro per il mondo¹¹³.

Pietro/Don Paolo, em sua função de padre, muitas vezes discorda da instituição que representa, e de seus gestos e palavras aparece uma divergência com a doutrina oficial e tradicional da Igreja. Esse fato é motivo de escândalo para Cristina em suas conversas com o jovem padre. Cristina, portanto, representa, sobretudo no início do relacionamento com Pietro/Don Paolo Spada, o olhar do mundo tradicional burguês em relação à sociedade e à religião católica.

Podemos afirmar, todavia, sustentados pelas contribuições de Giuliana Rigobello¹¹⁴ que, embora a religiosidade de Pietro se mova numa dimensão tipicamente terrena, os traços da religião cristã aparecem claramente. A possibilidade de estabelecer um diálogo aberto com Luigi Murica, com Don Benedetto e com Cristina ajudam o jovem a superar a indiferença, o fatalismo e a continuar sua luta. Essas personagens, de maneira diferente, contribuíram no processo de retorno para si mesmo e para seus ideais.

¹¹¹ SILONE, Ignazio. 2004, p. 242.

¹¹² RIGOBELLO, Giuliana. 1981, p. 73.

¹¹³ SILONE, Ignazio. 2004, p. 172.

¹¹⁴ RIGOBELLO, Giuliana. 1981, p. 74.

Nas conversas com o velho professor, Murica e Cristina, Pietro reconhece: no primeiro a coerência e a fé; em Murica a coragem e a determinação; e, em Cristina, a bondade e a disponibilidade para o bem.

Nos diálogos com esses amigos, mais do que tudo, encontros de espíritos, Pietro descobre o impulso cristão de sua revolta e a verdadeira essência de seu cristianismo.

O processo de retorno de Pietro/Paolo, que pode espelhar o percurso do escritor abrucês, é reconhecido por Esposito Vittoriano¹¹⁵ no itinerário do protagonista de *Vino e pane*. Esse identifica a mesma reivindicação da liberdade de todo e qualquer condicionamento provindo de igreja ou partido, defendida por Silone, embora o escritor tenha efetivado em toda sua vida instâncias políticas e religiosas.

A temática da religiosidade siloniana tecida no texto literário será aprofundada mais pontualmente no capítulo seguinte.

¹¹⁵ Cfr. ESPOSITO, Vittoriano. *Silone e la centralità dell'uomo*. In: *Prospettiva persona*. n. 59/07, p.97.

CAPÍTULO 3

A RELIGIOSIDADE SILONIANA E O TEXTO LITERÁRIO

3.1 O texto siloniano e as marcas da religiosidade

A narrativa siloniana nasce como resposta a um imperativo moral, como já tivemos a oportunidade de sublinhar. Podemos entender, portanto, que para Ignazio Silone escrever não é uma abstração da realidade, mas uma íntima exigência de testemunhar.

Para contar as histórias, o autor retorna à sua infância. O escritor diz ter aprendido com as mulheres que entrelaçavam fios, a arte de urdir e tramar histórias. De fato, como sublinha Gustaw Herling¹¹⁶, amigo e colaborador do nosso escritor, a prosa siloniana se apresenta com a textura de um tecido, caracterizada pela sobriedade, a concisão, a essencialidade.

No prefácio a *Fontamara*, Silone entrelaça a arte de tecer e a de escrever, ao afirmar:

Non c'è alcuna differenza tra questa arte del raccontare, tra questa arte di mettere una parola dopo l'altra, una riga dopo l'altra, una frase dopo l'altra, una figura dopo l'altra, di spiegare una cosa per volta, senza allusioni, senza sottintesi, chiamando pane il pane e vino il vino, e l'antica arte del tessere, l'antica arte di mettere un filo dopo l'altro, un colore dopo l'altro, pulitamente, ordinatamente, insistentemente, chiaramente¹¹⁷.

Silone, dessa forma, indica qual será o estilo que vai caracterizar sua narrativa: o mais próximo possível da língua falada pelas personagens retratadas.

Assim, achamos importante aludir aos estudos de Floriana Di Nucci¹¹⁸, que retorna às origens da língua falada na região do *Abruzzo*. Esse dialeto foi influenciado pela cultura beneditina e franciscana, trazido por um grupo de monges no final do século XII. As fontes utilizadas nesses estudos, tais como modelos de literatura da Úmbria, linguagens de cantilenas, teriam influenciado na construção do

¹¹⁶ GALANTE, Pasquale. *Una grande cronaca neorealista*. In: *Ignazio Silone, dal piccolo mondo alla grande storia*. 2006, p.15.

¹¹⁷ SILONE, Ignazio. 2006, p.13.

¹¹⁸ Cfr. DI NUCCI, Floriana. 2005, p. 130-131.

antigo léxico abrucês. Portanto, esse se tornou quase patrimônio genético dos povos e dos habitantes dessa região, configurando-se, assim, como característica da fala e da escrita. A linguagem usada pelo escritor respira profundamente do *ethos* regional do *Abruzzo*, articulando velho e novo.

Ainda no prefácio de *Fontamara*, Silone se pergunta sobre a língua a ser utilizada para contar sua história. Ele reconhece que o idioma italiano é uma língua aprendida na escola, uma língua estrangeira; esta, na transposição dos pensamentos, pode corrompê-los, passando a idéia de uma tradução.

Portanto, deve concluir que: *Ma poiché non ho altro mezzo per farmi intendere [...], voglio sforzarmi di tradurre alla meglio, nella lingua imparata, quello che voglio che tutti sappiano: la verità sui fatti di Fontamara*¹¹⁹.

O escritor, todavia, não esconde as dificuldades que encontra na redação de seus romances.

[...] E le difficoltà con cui sono talvolta alle prese nell'esprimermi, non provengono certo dall'inosservanza delle famose regole del bello scrivere, ma da una coscienza che stenta a rimarginare alcune nascoste ferite, forse inguaribili, e che tuttavia, ostinatamente, esige la propria integrità¹²⁰.

As problemáticas retratadas por Silone são profundamente impregnadas pela realidade, pelos valores e pelas situações típicas da cultura abrucesa.

Por esse motivo, todos os diálogos são pensados e colocados no mesmo nível mental e na mesma estrutura da fala, da conversa e da compreensão do povo. Silone vai retirar inspiração para os seus romances das histórias contadas pelas tecelãs, nas longas noites de inverno diante da lareira.

A afirmação de Giuliana Rigobello¹²¹ nos permite dizer que o escritor constrói suas páginas através de um procedimento analítico lento. Por esse motivo, os elementos de uma descrição – e a própria narrativa – se desenvolvem gradativamente, dando voz a cada uma das histórias, numa ordem que ressalta os elementos mais significativos. Esse aspecto evidencia a componente expressiva regional e social, pois a fala do camponês avança sempre pausadamente, com pequenos passos. Com frequência, as afirmações e as conclusões têm o respaldo de

¹¹⁹ SILONE, Ignazio. 2006, p.12.

¹²⁰Idem. 2001, p. 55.

¹²¹ RIGOBELLO Giuliana. 1981, p. 160.

um provérbio do universo popular, social e religioso, que confere ao relato um fundamento de verdade em continuidade com a tradição.

Um rápido passeio pelo romance *Vino e pane* nos possibilita identificar inúmeros provérbios na fala dos personagens, importantes para o nosso texto.

Os provérbios mostram como os ditados populares determinavam a vida e as escolhas das pessoas – *Sposarsi in tempi di guerra è come seminare tra le spine*¹²² -, mantinham a ordem social – *Quando é la donna che insegna all'uomo, i figli nascono gobbi*¹²³ - e explicavam, sustentando e justificando, as diferenças na sociedade – *Carne avvezza a soffrire dolore non sente*¹²⁴.

Entendemos que o grande uso dos provérbios na narrativa siloniana sublinha a estreita analogia entre a escrita, a ficção e as histórias relatadas, cujo discurso se aproxima da fala corriqueira do camponês.

Logo, tendo como base os estudos de Rigobello, acima citada, podemos nos deter nas figuras semânticas que retornam com frequência na narrativa siloniana. Essas retomam formas clássicas e se entrelaçam com motivos tradicionais, religiosos e regionais.

Um dos recursos narrativos de maior incidência é a iteração, pela qual um procedimento expressivo objetiva sublinhar um aspecto, uma situação, a conotação de uma personagem. Tal procedimento é muito comum no linguajar do camponês. O uso desse artifício revela o desejo do escritor de evidenciar os conceitos julgados essenciais, e, por isso ele recorre à repetição.

Através da pena do escritor, o recurso lingüístico da gradação, binária e ternária, é usado como expediente que produz o efeito intensificador na apresentação das características de uma personagem, contribuindo, assim, para a construção do retrato de uma situação, ou para definir uma visão de mundo, tal como podemos observar no trecho seguinte: [...] *tra campi di fieno, di grano, di patate, di bietole, di fagioli, di granturco [...] tra i vigneti, i piselli, le cipolle [...] nella regione dei faggi, dei lecci, e dei superstiti orsi*¹²⁵.

Esse expediente conduz o leitor por dentro da cena e transmite a idéia de uma intensa seqüência de elementos do cenário descrito.

¹²² SILONE, Ignazio. 2004, p. 142.

¹²³ Ibidem, p.12.

¹²⁴ Ibidem, p.115.

¹²⁵ Ibidem, p. 9.

O mesmo procedimento pode verificar-se na apresentação dos traços de uma velha: *Era piccola, raggrinzita e rattrappita; guardava il prete con occhi vitrei, inscrutabili, astratti, [...]*¹²⁶.

E muitos outros exemplos nós podemos encontrar em outros escritos.

O recurso da gradação é enriquecido pela colocação das cores, como no caso de *Vino e pane*, na narrativa do velório do corpo de Luigi Murica. Entre as mulheres que velavam seu corpo – *ammantate di nero e di giallo sedevano per terra accanto al camino*¹²⁷. Nesse caso deparamos com a cor preta que, aliás, retorna com frequência nesse romance. Era a cor do luto que as viúvas vestiam para o resto de seus dias.

Todavia, a Professora Flora De Paoli¹²⁸, ressalta como a cor amarela, seja a cor nas flores, nas frutas e nos animais, representa o processo de mudança presente na natureza humana. Enquanto o vermelho denota a cor do fruto maduro, por exemplo, do vinho que, depois de muitas transformações, se tornara essa bebida que sustenta o homem e alegra sua vida, além de significar, também, os arroubos da paixão.

Outras cores, retomadas na narrativa siloniana, em diferentes gradações e distintas tonalidades, deixam transparecer coloridos retratos que sublinham características de personagens e conferem às paisagens intensidade e amplitude.

Na prosa siloniana é notável a frequência do recurso da comparação usada como suporte de um conceito, mas também por ser uma fala típica do camponês. Esse instrumento lingüístico é sempre usado a partir da realidade abrucesa, em analogia com a vida cotidiana e familiar e com o mundo animal e vegetal.

Dessa forma, é possível observar essas gradações em *Vino e pane*, quando Silone nos apresenta uma velha: *La testa, interamente spolpata e quasi priva di capelli, ricordava, per la forma, quella di un passero [...] teneva la mani incrociate sul petto e la sue mani sembravano vecchi utensili usati da un lungo e penoso lavoro*¹²⁹.

Identificamos, também, esse recurso na descrição da jovem Cristina: *La luce mattinale avvolgeva la ragazza come un velo dorato. Alcune api le ronzavano*

¹²⁶ SILONE, Ignazio. 2004, p. 266.

¹²⁷ Ibidem, p.283.

¹²⁸ DE PAOLI, Flora. Anotações em sala de aula.

¹²⁹ SILONE, Ignazio. 2004 p. 266-7.

*attorno alla testa come attorno a un fiore e l'aspetto del fiore parve al prete quanto mai bello, anche se un po' impallidito*¹³⁰.

A descrição da jovem destaca toda a sua fragilidade, característica que impressiona o padre recém-chegado na cidade.

Esse mesmo recurso sustenta a descrição do carroceiro Magascià: *L'ossatura gigantesca gli dava l'apparenza di un elemento geologico, come un animale fossile, antediluviano; la barba e i capelli ricordavano la vegetazione selvatica; solo la paura che esprimeva il suo atteggiamento lo rivelava uomo*¹³¹.

O texto de Silone mostra que esse cuidado descritivo se estende também às paisagens, como é o caso do vale do *Fucino: Intorno alla conca, immensa scacchiera verde di grano nuovo, solcata da lunghi filari di pioppi e da canali [...]*¹³².

Essa é mais uma comparação que deixa entender a divisão dos campos de trigo no seu pleno florescimento.

A imagem que se configura a seguir é como um quadro, representando elementos da natureza e das pessoas: *Il bambino era posato per terra in un cesto di vimini come un cavolfiore e la sua faccia arrossata del riverbero del fuoco era come una mela*¹³³.

O recurso da comparação é usado para inserir o leitor no cerne dos sentimentos das personagens. Portanto, é assim que Silone deixa entender a perturbação de Don Benedetto ao recordar seus alunos e ao reler as suas redações do tempo do ginásio.

Egli mostrava una grande esitazione nel parlare, come chi si ascoltasse prima internamente, come chi parlasse avendo un censore dentro di sé, oppure come un miope tra oggetti sconosciuti e che avesse paura di far danno, non a sé, ma agli oggetti stessi¹³⁴.

Consideramos que os exemplos, até agora reproduzidos, demonstram que *Vino e pane* é uma das mais expressivas produções silonianas.

¹³⁰ SILONE, Ignazio. 2004, p. 97

¹³¹ Ibidem, p. 262.

¹³² Ibidem, p. 14.

¹³³ Ibidem, p. 277.

¹³⁴ Ibidem, p. 23.

Outro elemento de grande frequência e importância na construção desse romance é a ironia, enfatizada em nota no texto seguinte: *E dato che il patetico non può essere espulso dalla vita umana, per renderlo sopportabile mi pare che sia utile accompagnarlo con un po' d'ironia*¹³⁵.

Esse mecanismo literário é usado para sublinhar ambições, costumes e tolices dos notáveis. Assim, a ironia que se explicita tanto nos nomes, como nas descrições das personagens e, ainda, nas anedotas relacionadas a elas, amplia o romance e lhe dá um valor psicológico que revela a alma dos protagonistas da história.

Narrativas, como *Fontamara*, por exemplo, são constituídas por personagens civis, cujos apelidos definem perfeitamente uma personalidade oportunista, interesseira, ambiciosa. Seus nomes, *Don Carlo Magna*, *Don Circostanza*, são eloqüentes por si só. Esse último, um advogado trapaceiro, é assim descrito: *Tra essi spiccava [...] , cappello a melone, il naso poroso a spugna, le orecchie a sventola, la pancia al terzo stadio*¹³⁶.

Ele costumava agir segundo as circunstâncias, sempre do lado dos poderosos e atuando em causa própria, embora se dissesse amigo do povo e defensor dos seus direitos diante das autoridades.

Nem as figuras clericais conseguiam escapar ao tom irônico do escritor. Temos um padre apelidado de *Don Piccirilli*. Na língua italiana, em particular nos dialetos, o uso desse diminutivo é associado tanto ao significado da baixa estatura da pessoa, quanto uma alusão à estreiteza de inteligência e de capacidade. Em *Vino e pane Don Piccirilli* representa bem esse apelido, já que esse religioso se rebaixava a espião do bispo para conseguir benesses na carreira eclesiástica.

Em *Fontamara*, *Don Abbacchio* repete a mesma idéia, dessa feita com alusão ao animal pronto para o abate: *[...] grasso e sbuffante, col collo gonfio di vene, il viso paonazzo, gli occhi socchiusi in un'espressione beata. Il canonico si reggeva appena in piedi per l'ubriachezza*¹³⁷.

Um clérigo que ganha um sobrenome de sabor gastronômico por causa dos numerosos banquetes a que era convidado parece um paradoxo em relação à sua vocação de ministro religioso e servidor do povo.

¹³⁵ Ibidem, p.6.

¹³⁶ SILONE, Ignazio.2006, p. 54.

¹³⁷Ibidem, p. 52.

Por outro lado, descobrimos que religiosos que vivem em sintonia com sua própria vocação, além de não terem apelidos, são apresentados com nomes bem significativos, como: Don Benedetto, frate Gioacchino e Don Paolo Spada, nome escolhido por Pietro Spina para o seu disfarce.

Na opinião de Sebastiano Martelli e Salvatore Di Pasqua¹³⁸, a ironia em Silone mostra o ponto de vista do autor e, por isso, é sempre acompanhada por um tom de tristeza, que compromete a confiança das personagens silonianas, tornando-as mais humanas e menos arrogantes.

Ainda sob a orientação dos autores acima citados, podemos afirmar que a ironia siloniana, com suas conotações, tende a mostrar traços de personagens que conduzem o leitor para o lado cômico da cena descrita. Esse mecanismo permite que o objeto descrito se mostre em todos os ângulos, favorecendo o surgimento de todo o potencial cômico de uma situação.

A comicidade que se abriga no texto siloniano ilustra a opinião de Bakhtin, que afirma:

O riso tem o extraordinário poder de aproximar o objeto, colocando-o na zona de contato direto.... destrói o temor e a veneração para com o objeto e com o mundo, colocando-o em contato familiar, com isso, prepara-o para uma investigação absolutamente livre.¹³⁹

Ainda no âmbito dos estudos bakhtianos, achamos importante recorrer ao comentário da professora Doris Nátia Cavallari¹⁴⁰, especialista nas posições defendidas por Bakhtin, a propósito de quantos vêm em Pietro Spina o *alter ego* do autor. A pesquisadora afirma que Silone trabalha “alteridades” em seus textos. O escritor abruçês produz narrativa de ficção condizente com sua proposta artística e com a temática que se dispõe a desenvolver, embora tenha se baseado em experiências pessoais para a construção de suas obras.

O caráter original de *Vino e pane* é referendado também pelas definições do teórico francês Gerard Genette, que nos dá suporte para afirmamos que esse romance é estruturado por um narrador heterodiegético¹⁴¹, ou seja, o escritor conta a

¹³⁸ MARTELLI, Sebastiano; DI PASQUA, Salvatore, 1988. p. 150.

¹³⁹ BACHTIN, M. *Questões de Literatura e Estética*. São Paulo: Editora da UNESP/HUCITEC, 1988. p. 413.

¹⁴⁰ CAVALLARI, Doris Nátia. 2000. p.137

¹⁴¹ GENETTE, Gérard. *Figure III. Discorso del racconto*. Torino: Giulio Einaudi Editore, 2006, p.296.

história e apresenta, mais do que em outras obras, os monólogos interiores dos personagens.

A técnica narrativa usada em *Vino e Pane* harmoniza paixões políticas e sentimentos de amor, figuras ridículas do regime e seres sofredores. Todos esses elementos adaptados num quadro de vida real italiana e abrucesa, em pleno fascismo e nos anos dos acontecimentos da guerra etiópica¹⁴².

O romance cuja leitura nos propomos a aprofundar, *Vino e pane*, chama nossa atenção pelo cunho religioso da linguagem usada para contar a história de Pietro Spina.

A presença do elemento religioso encontra-se representada nos nomes dos personagens, nas citações de textos sagrados, no gênero literário da parábola, na alusão ao simbolismo religioso católico. O discurso muitas vezes é constituído por expressões próprias dos textos sagrados, mas sempre com referência ao homem e à sociedade contemporânea, inclusive a partir do título *Vino e pane*, que remete a símbolos fundamentais da fé cristã.

A simbologia do vinho e do pão, elementos naturais, sempre presentes na fala do camponês, essenciais para sua alimentação, produtos do seu duro trabalho, também se espelha no aspecto religioso, quando o pão e o vinho assumem a cena central no rito da missa, celebração que recorda a presença de Cristo entre seus fiéis, consolidada na partilha do pão e do vinho.

A partir da constante presença de elementos ligados à religião, como citações de textos sagrados, de latinismos e elementos simbólicos do universo religioso católico, podemos dizer que estamos diante de uma religiosidade literária que vai permear a produção siloniana. Entretanto, nossa atenção se voltará especialmente para o romance *Vino e pane*, sendo a obra escolhida para o nosso estudo, conforme já dissemos antes.

Nesse sentido, vale recordar que o pão era a base da alimentação do camponês e principal sustento para a sua sobrevivência. Esse era produzido com seu duro trabalho, com sua luta, em uma terra pouco generosa na produção de seus frutos.

¹⁴² Com este termo refere-se à guerra da Itália contra Etiópia (1935-1936), conhecida também como guerra da Abissínia. A expansão imperial se tornou o tema favorito do governo fascista de Benito Mussolini, que aspirava à construção de um império como o Império Romano.

O mesmo valor simbólico atribuído ao pão será resgatado em relação ao vinho. Podemos dizer que ter um vinhedo era o sonho de todo camponês, motivo principal da separação do homem de sua terra natal, visto que muitos camponeses não encontravam nenhuma outra alternativa que não fosse a emigração, na busca de uma quantia de dinheiro necessária para adquirir um terreno e plantar as videiras. Era considerado um ponto de orgulho e um *status* social poder produzir seu próprio vinho, que, além de ser parte da alimentação popular dos ambientes descritos por Silone, é também símbolo da hospitalidade do povo abrucês.

Nossa proposta de leitura de *Vino e pane* se apóia em dois níveis de linguagem: o signo e o símbolo. A esse propósito, sustenta Louis-Marie Chauvet¹⁴³, no seu livro sobre linguagem e sacramentos, que esses dois pólos da linguagem se encontram sempre juntos, embora nem sempre um revele o outro com a mesma clareza.

Dessa forma, recorreremos mais uma vez às afirmações de Sebastiano Martelli e Salvatore Di Pasqua¹⁴⁴, quando sustentam que a linguagem siloniana nunca é neutra, remetendo sempre para algo que vai além das palavras. De fato, com o recurso ao simbólico, a palavra adquire um significado particular. Esta, do plano literal torna-se elemento embutido de uma mensagem velada e mais profunda. Esse particular uso da linguagem evidencia seu matiz religioso, bastante marcado nas técnicas de representação.

Os substantivos “*vino*” e “*pane*”, postos como título da citada obra, revestem um particular valor semântico em diferentes contextos e situações em que são empregados. Desse modo, significado literal e significado simbólico se entrelaçam de tal maneira, que os dois planos chegam e se confundir, consentindo o desvelamento do símbolo eucarístico com a conseqüente idéia de sacrifício.

No entanto, os críticos acima citados sublinham a pouca relevância das manifestações confessionais do símbolo religioso em relação ao contexto. Vale dizer que a narração de passagens de relatos diretamente ligados à religião, na maioria das vezes, são inseridos e realizados em ambiente secular e sem a presença de representantes da autoridade eclesiástica.

¹⁴³ CHAUVET, Louis-Marie. *Linguaggio e simbolo. Saggio sui sacramenti*. Torino: Editrice Elle Di Ci. 1982. p. 47.

¹⁴⁴ MARTELLI, Sebastiano; DI PASQUA, Salvatore, 1988, p.148.

Dessa forma, podemos acompanhar o trabalho de ressignificação empreendido por Silone que, ao utilizar o mecanismo da simbologia religiosa, a esvazia ao descontextualizá-la, para, em seguida, reinterpretá-la. Por meio desse procedimento lhe atribui outro significado no contexto da obra, qual seja sacralizar o cotidiano das personagens da história.

A esse respeito retomamos uma passagem de *Vino e pane* que entendemos como sendo importante e esclarecedora. Trata-se do funeral de Luigi Murica, um jovem ativista que confessa ter traído os companheiros do partido por medo da perseguição fascista. No entanto, Pietro, seu companheiro na militância política, informado sobre o falecimento de Luigi, se põe a caminho em direção da casa do pai do jovem, para prestar suas últimas homenagens.

Para a narração dos momentos que precederam o enterro, o escritor encena um funeral e um culto feito pelo pai do rapaz, uma espécie de celebração laica, na qual são repetidos os ritos essenciais da missa. De fato, há o momento da memória, improvisada pelo pai que relembra o filho que o ajudara a cultivar a terra para que ela produzisse o pão e o vinho que estavam sendo divididos e partilhados.

Retomando a fala do pai de Luigi, Pietro assim finaliza:

“Il pane è fatto da molti chicchi di grano. Perciò esso significa unità. Il vino è fatto da molti acini d’uva, e anch’esso significa unità. Unità di cose simili, uguali, utili. Quindi anche verità e fraternità sono cose che stanno bene assieme”¹⁴⁵.

No final da celebração, Pietro retoma outros elementos significativos da simbologia do pão e do vinho, tais como a fraternidade e a amizade, que nascem da união do que era separado, mas também da partilha dos ideais. Percebemos que em *Vino e pane* retorna com frequência a simbologia decorrente de elementos como a fraternidade e a amizade.

No refúgio onde Pietro se esconde para escapar da polícia, o amigo, Cardile, traz como alimento de cada dia *un filone di pane e un fiasco di vino*¹⁴⁶. O sustento e a bebida, pão e vinho da partilha e da amizade, renovam, no jovem doente, as forças para recuperar as energias e retomar sua luta.

¹⁴⁵ SILONE, Ignazio. 2004, p. 284.

¹⁴⁶ Ibidem, p.47.

No romance deparamos com vários pontos que relatam episódios em que o vinho é tomado como brinde à longa amizade, como aquela entre Don Benedetto, um velho padre e professor do jovem, e o ex-aluno rebelde. É com um verso do poeta latino Horácio que o nomeado professor convida Pietro para uma conversa amigável acompanhada por um velho e bom vinho¹⁴⁷:

...tibi
ante verso lene merum cado
jandudum apud me est; eripe te morae¹⁴⁸

Encontramos, ainda, o fruto da videira, presente também no rápido relacionamento entre Pietro e Margherita, a moradora vizinha do esconderijo do fugitivo. Nesse breve encontro nasce entre eles um parentesco que vai além do sangue. Assim, Pietro afirma: *La sola parentela che ora rispetto è quella delle anime. Come questa che ora è nata qui tra noi*¹⁴⁹.

Entre os dois jovens nasce uma afinidade sustentada pela partilha e pela honestidade em relação aos princípios professados.

Por outro lado, chama nossa atenção o fato de que o vinho não é oferecido no encontro de Don Benedetto com seus ex-alunos, convidados para o aniversário do velho professor. De fato, nessa ocasião é um suco de tamarindo, trazido da cidade grande, que presencia uma reunião iniciada sob os auspícios da desconfiança e da suspeita¹⁵⁰.

No episódio seguinte, temos mais uma passagem que sublinha as disposições do coração ao se tomar o pão e o vinho: *Il pane di grano bagnato nel vino rosso, non c'è nulla di meglio. Ma bisogna avere il cuore in pace*¹⁵¹.

São essas as palavras de frate Gioacchino, um sábio frade franciscano, em sua conversa com Don Paolo Spada.

Vale também assinalar o grande número de padres em todas as obras silonianas. Encontramos dois tipos de clérigos, colocados como símbolo de duas diferentes atitudes nas suas relações com a Igreja. Há o grupo daqueles que servem ao poder secular ao invés da mensagem evangélica. Tomamos como exemplo desse

¹⁴⁷ SILONE, Ignazio. 2004, p. 238.

¹⁴⁸ Trad.: Già da tempo c'è per te, presso di me, del vino vecchio in una botte non ancora capovolta; togliti dall'indugio. (Orazio, libro III, Ode 29ª, a Mecenate). In: SILONE, Ignazio 2004, p.238.

¹⁴⁹ SILONE, Ignazio. 2004, p. 52.

¹⁵⁰ Ibidem, p. 21-22.

¹⁵¹ Ibidem, p. 123.

primeiro grupo Don Angelo Girasole que, aos olhos do jovem Pietro, se mostra como *un buon impiegato d'ammistrazione*.¹⁵²

Do segundo grupo fazem parte aqueles que são fiéis à sua missão de mensageiros da Palavra, como frate Gioacchino, que em uma conversa com a personagem Matalena, com relação à sua vocação religiosa, afirma: *Ognuno serve il Signore come può. Chi con la parola, chi con la carità, chi con la santità*.¹⁵³

Encontramos outros, como Don Benedetto, que embora afastado do ensino devido às suas idéias subversivas, se manteve sempre fiel às promessas de Jesus Cristo.

Essendo di natura uomo pacato e taciturno, non c'era voluto molto perché nel suo piccolo ambiente fosse considerato uno scontroso, uno strambo, un misantropo, forse anche un semplicitto. Ma le poche persone alle quale talvolta si confidava sapevano che, sotto la sua timidezza contadinesca, egli nascondeva una libertà e vivacità di spirito temerarie per il suo stato.¹⁵⁴

Na opinião de Carlo Annoni¹⁵⁵, essa figura é de raro valor ético e é, certamente, modelada a partir dos traços de Don Orione, pessoa que marcou profundamente o caminho da vida do nosso escritor.

Outro recurso que aparece com grande frequência são citações de textos do Evangelho, ou frases que, indiretamente, são relacionadas ao ensinamento aprendido no catecismo.

De fato, Cardile, um trabalhador honesto, na sua simplicidade e com base nos preceitos da doutrina cristã, encontra a maneira de convencer o amigo médico a socorrer Pietro, que estava doente: *Nel catechismo che da ragazzo mi hanno fatto imparare a memoria, stava scritto: Le opere di misericordia sono [...], curare gli infermi. Non c'era scritto, curare gli infermi che la pensano come te*¹⁵⁶.

Essas palavras convencem o médico Nunzio Sacca a prestar os cuidados necessários ao amigo doente; no entanto, juntos, relembram os ideais comuns nos anos do ginásio. É desse amigo a idéia do disfarce de Pietro, para escapar à busca da polícia.

¹⁵² SILONE, Ignazio. 2004, p. 244

¹⁵³ Ibidem, p. 121.

¹⁵⁴ Ibidem, p. 13.

¹⁵⁵ ANNONI, Carlo. 1985, p. 104.

¹⁵⁶ SILONE, Ignazio. 2004, p. 36.

O velho padre, Don Benedetto, pensando no fugitivo Pietro Spina, faz uma comparação entre esse e o próprio Jesus Cristo: *Non crediate che sia una storia nuova. Tutt'altro, è una vecchia storia noiosa che sempre si ripete. Le volpi hanno le loro tane, gli uccelli del cielo hanno i loro nidi, ma il figlio dell'uomo non ha nulla sul quale posare la testa*¹⁵⁷.

De fato, esse ex-professor de idéias avançadas vê um caráter evangélico na opção de seu rebelde aluno, como tivemos a oportunidade de sublinhar anteriormente. Por isso, mais adiante, afirma que há muitas maneiras de se servir a Deus e o socialismo é a maneira escolhida por Pietro: *Io lo conosco, egli è stato mio allievo. Il socialismo è il suo modo di servire Dio*¹⁵⁸.

Além de citações que mais explicitamente se referem ao Evangelho, na narrativa siloniana aparece a piedosa crença das personagens retratadas nessa obra. Essa piedade e devoção eram movidas ora pelo medo da vingança divina, ora pela tradição, herança dos pais. As manifestações religiosas das pessoas, muitas vezes, eram feitas somente para cumprir um ritual que vinha sendo repetido de geração em geração, como, por exemplo, andar de joelhos para pedir uma graça, ou para cumprir uma promessa:

A metà strada egli incontrò una donna che faceva lo *strascìno*, che camminava cioè in ginocchio a un lato della strada. [...] Da principio don Paolo pensò che fosse una pazza. Invece, come la povera donna spiegò, era una madre che aveva il figlio in guerra e in un momento di fervore religioso, per allontanare un oscuro presentimento, aveva fatto voto di scendere in ginocchi da Pietrasecca a Lama per ottenere dalla Vergine che il figlio tornasse sano. [...] Poiché era stato pronunziato, ora doveva adempierlo. Se avesse mancato il voto, il figlio certamente sarebbe morto¹⁵⁹.

O já citado crítico Carlo Annoni¹⁶⁰ sustenta que se pode encontrar nos romances silonianos uma espécie de Evangelho dos *cafoni*, testemunho de uma religiosidade antiinstitucional e libertária; um evangelho popular que aplica ao concreto da história os autênticos ensinamentos do Evangelho e, nesse sentido, se torna a continuação genuína, sempre atual e verdadeira da mensagem evangélica.

¹⁵⁷SILONE, Ignazio. 2004, p. 30.

¹⁵⁸ Ibidem, p. 268.

¹⁵⁹ Ibidem, p. 276.

¹⁶⁰ ANNONI, Carlo. 1985, p. 112.

A devoção aos santos, as numerosas citações de textos evangélicos presentes em *Vino e pane* demonstram a incidência do ensinamento religioso católico nos ambientes e nas personagens retratadas por Silone nessa obra, mas também em outras. Esses preceitos, colocados na fala tanto dos camponeses pobres quanto dos letrados e dos padres, demonstra quão esse elemento fosse enraizado na paisagem e nas figuras retratadas no romance.

Com Giuliana Rigobello¹⁶¹, entendemos que o romance, como um todo, nos reporta a uma maneira muito humana de sentir o Evangelho. *Vino e pane* é o *leit-motiv* da obra, em que esses termos, embora relacionados ao significado do uso cotidiano e aos costumes doméstico e regional, adquirem um valor de símbolo, universal e místico.

O símbolo do vinho e do pão se reveste de um significado gradativo, desvelando, assim, o significado da união do homem com a natureza dos homens entre si e, finalmente, da humanidade e da natureza com Jesus Cristo.

A esse propósito, retomamos o estudo de Cavallari¹⁶² e trazemos para esse trabalho a visão de Bakhtin sobre a figura de Cristo. O teórico russo concebe Cristo como o tipo de figura a cujo respeito se pode perguntar: “O que ele faria?” e receber respostas que funcionam na experiência cotidiana. Portanto, Cristo é parte do diálogo interior em andamento, ocupando um papel constante na vida interior.

Assim sendo, Cristo marcaria o início da possibilidade de diálogo do *self* com todos os *outros* que o cercam, já que cada um traria dentro de si o princípio da *dialogia* que começa com a experiência mística.

Para Ignazio Silone, a partir da aplicação desse importante enunciado do teórico russo, Cristo marca o ponto de partida do diálogo entre o eu e o outro. O escritor abruçês inspira-se muitas vezes nas vivências e imitações de Cristo porque quer abrir um diálogo com os ouvintes/leitores de suas obras.

Portanto essa característica dialógica confere a *Vino e pane* um distintivo de unidade, embora, dentro da grande diversidade de paisagens, de tradições e de personagens, conforme foi apresentado no capítulo anterior.

Nossa pesquisa, até o momento, procurou demonstrar os elementos estruturantes da produção siloniana, no entanto, julgamos oportuno dedicar estas últimas páginas ao exame da temática religiosa. É nossa intenção investigar de

¹⁶¹ RIGOBELLO, Giuliana. 1981, p.78.

¹⁶² CAVALLARI, Doris Nátia. 2000, p. 63.

forma objetiva de que modo questões como a religiosidade, a ideologia socialista, a utopia e a esperança se inter-relacionam e dão vida à narrativa do escritor abrucês.

3.2 A religiosidade siloniana: entre utopia e esperança

Ao reforçar nossa idéia inicial de examinar como tema central a religiosidade na obra *Vino e pane*, optamos por retomar outros textos do escritor, em especial aqueles produzidos após seu retorno à Itália, devido à abrangência da temática.

Nosso trabalho vem demonstrando que a religiosidade é uma característica da literatura siloniana, embora, não possamos subestimar a ocorrência de outras temáticas e outras questões amplamente presentes, enfocadas nos capítulos anteriores.

A religião, como já mostramos, é um traço fundamental da cultura do homem meridional e Silone se identifica plenamente como parte dessa tradição. As raízes religiosas do povo abrucês remontam à tradição franciscana e beneditina, e, ao longo dos séculos, foram sempre reforçadas com o surgimento de novos movimentos.

Em *Uscita di sicurezza*, escrevendo sobre as tradições políticas e religiosas do *Abruzzo*, Silone afirma:

Agli spiriti vivi le forme piú accessibili di ribellione al destino sono sempre state, nella nostra terra, il francescanesimo e l'anarchia. Presso i piú sofferenti, sotto la cenere dello scetticismo, non si è mai spenta l'antica speranza del Regno, l'antica attesa della carità che sostituisce la legge, l'antico sogno di Gioacchino da Fiore, degli Spirituali, dei Celestini¹⁶³.

Aparece aqui uma religiosidade com raízes seculares, antigas e firmes como as montanhas e os vales do Abruzzo. Silone extrai, desse subsolo, como de um manancial formado pela tradição cultural e religiosa, todos os valores humanos e sociais e toda carga de positividade que os caracteriza. Valores, esses, que o nosso autor encontra transformados em solidariedade e fraternidade que distinguem, ainda hoje, o povo abrucês.

¹⁶³ SILONE, Ignazio. 2001, p. 75.

Entendemos, portanto, que numa síntese entre tradição religiosa regional e socialismo, a ideologia de Silone pode resumir-se nesse espírito de solidariedade e de fraternidade autêntica do qual o socialismo moderno revela, segundo o escritor, toda sua força cristã.

Retomamos aqui a pesquisa de Flora de Paoli Faria, que sustenta ainda em relação à síntese político-religiosa siloniana, que:

A peculiaridade do humanismo pretendido por Silone concentra-se na tentativa de conciliar Karl Marx e Jesus Cristo, ou seja, em seus textos o escritor procura unir numa única circularidade socialismo e consagração evangélica, tentando demonstrar que essas duas tendências conjugam uma mesma paixão pelo homem.¹⁶⁴

A política e a religião se caracterizam como as duas vertentes que orientam os passos de Silone no caminho do reencontro com sua própria humanidade, já que seu conceito de humanismo visa descobrir o homem em sua essencialidade. O humanismo siloniano, portanto, pode ser entendido como ponto de encontro entre o socialismo e o cristianismo com os valores essenciais que esses têm em comum.

O próprio autor, ainda, em *Uscita di sicurezza*, explicando sua escolha socialista, reafirma sua fé política entendida como:

[...] un bisogno di effettiva fraternità; un'affermazione della superiorità della persona umana su tutti i meccanismi economici e sociali che l'opprimono. Col passare degli anni vi si è aggiunto un reverente sentimento verso ciò che nell'uomo incessantemente tende a sorpassarsi ed è alla radice della sua inappagabile inquietudine¹⁶⁵.

A esse respeito Silvano Scalabrella¹⁶⁶ vê em Ignazio Silone uma rara testemunha da simpatia que une solidariamente os homens entre si. Sua aventura humana, embora acompanhada por fatos trágicos e dolorosos, é, por outro lado, profundamente marcada pela esperança, pela confiança criativa no ser humano. Na opinião desse autor, a esperança siloniana, em relação ao ser humano, vai bem além

¹⁶⁴ FARIA, DE PAOLI, Flora. 1991, p.121.

¹⁶⁵ SILONE, Ignazio. 2001, p. 114.

¹⁶⁶ SCALABRELLA Silvano. *Il paradosso Silone. L'utopia e la speranza*. Roma: Edizioni Studium, 1998, p.37.

das situações de fraqueza, supera as posturas preconceituosas e as escolhas originadas dos interesses de grupos e partidos.

Dessa forma, entendemos que essa atitude de esperança incondicionada no ser humano tenha motivado e sustentado, tanto o compromisso político de Silone quanto sua atividade de escritor.

Notamos que Silone aproxima a esperança à utopia, conferindo a esses termos um significado de reciprocidade e interligação, conforme se verifica no exemplo a seguir: *La storia dell'utopia è perciò la storia di una sempre delusa speranza, ma di una speranza tenace.*¹⁶⁷

Assim, é possível reconhecer que Silone sempre soube distinguir entre a realidade concreta, que pode ser mudada por uma ação transformadora, animada pela esperança, e a utopia. Na acepção mais comum do termo, utopia é entendida como algo que não pode ser realizado.

No texto siloniano é possível entender que é a esperança, nascida dos valores religiosos, que sustenta a sua utopia. Essa se origina do desejo de um mundo mais humano e justo para todos

Em *Vino e pane*, obra amplamente tratada nos capítulos anteriores, já se entrevê o elemento utópico na proposta política do protagonista desse romance. Esse aspecto utópico da ideologia política e social sustentada pela luta de Pietro Spina é retomada com mais clareza em *Il seme sotto la neve*.

Todavia, no primeiro romance de Pietro Spina, aparece a idéia de um mundo com base na verdade e na fraternidade entre todos os homens no qual reine o trabalho no lugar da ganância. Essa mensagem, escrita por Luigi Murica, descoberta posteriormente pela polícia, foi o motivo da condenação do jovem ativista político. Todavia esses argumentos foram retomados por Pietro Spina/Don Paolo Spada que, na “missa laica” em homenagem ao jovem morto, acrescenta: *se vivremo come lui, sarà come se non fosse morto invano*¹⁶⁸.

A esse respeito nos parece importante trazer aqui a opinião de Carlo Salinari, quando afirma a propósito de *Il seme sotto la neve*, que, nessa obra:

Simbolo e utopia è il mondo a cui aspirano gli oppositori:
un mondo che si sottrae alle dimensioni di una ideologia

¹⁶⁷SILONE, Ignazio. *L'avventura d' un povero cristiano*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 2006, p. 18.

¹⁶⁸Idem, 2004. p. 282.

politica (sia pure socialista) e vuole invece misurarsi con il metro delle grandi verità eterne, la giustizia, la libertà, la nobiltà d'animo, l'amicizia, l'amore. E simbolo sono anche i personaggi del mondo ufficiale: simbolo di ciò che opprime l'uomo non solo in determinati periodi della storia, come quello fascista, ma da sempre, da quando esiste una società divisa in classi: il denaro, la ingordigia, l'invidia, l'avarizia, la sete di potere. La ribellione di Spina e dei suoi amici è appunto la riconquista dei valori elementari dell'uomo¹⁶⁹.

Assim, podemos verificar que a possibilidade da construção de um mundo melhor e mais justo para todos amparou nosso escritor nas escolhas de sua vida.

Percebemos, também que em *L'avventura d'un povero cristiano*, Silone exprime, com bastante clareza a utopia política, religiosa e social. A retomada dos valores acima citados é justificada pelo escritor a partir do fato de que, em sua opinião, a utopia responde a uma necessidade profundamente enraizada no coração do homem; e esse desejo se manifesta como uma inquietação que nenhuma reforma ou bem-estar material pode jamais preencher.

A obra, antes mencionada, redigida em forma de drama, retoma uma peça teatral - *Ed egli si nascose* (1944). *L'avventura d'un povero cristiano*, vinda posteriormente, ilustra a importância da questão religiosa na obra siloniana. O escritor, antes de dar início à redação desse drama, realiza uma ampla pesquisa histórica sobre a figura de Pietro da Morrone, um eremita eleito Papa, em 1294, com o nome de Celestino V, como já mencionamos na parte inicial desse trabalho.

Silone centraliza essa obra entorno de um acontecimento bem distante no tempo e numa situação histórica e política bem diferente, embora o fato tenha acontecido no *Abruzzo*. De fato, quando perguntado sobre esses aspectos, o escritor responde sublinhando mais uma vez a centralidade do homem em suas obras: *Ormai è chiaro che a me interessa la sorte d'un certo tipo di uomo, d'un certo tipo di cristiano, nell'ingranaggio del mondo, e non saprei scrivere d'altro*¹⁷⁰.

Essa obra, retrato da história desse eremita, que pode ser considerada a última produção siloniana, apresenta, outrossim, a visão do escritor em relação à contemporaneidade. A esse propósito, Silone retoma no prefácio a *L'avventura*

¹⁶⁹ SALINARI, Carlo. Da *Preludio e fine del Realismo in Italia*. In: RIGOBELLO, Giuliana. *Ignazio Silone. Introduzione e guida allo studio dell'opera siloniana. Storia e Antologia della critica*, 1981, p. 198.

¹⁷⁰ SILONE, Ignazio. 2006, p. 6.

*d'un povero cristiano o que já afirmara em *Uscita di sicurezza*. Ele considera: la riscoperta dell'eredità cristiana nel fermento di liberazione della società contemporanea come il nostro profitto spirituale più importante*¹⁷¹.

Podemos entender a partir desse trecho de Ignazio Silone uma postura positiva em relação à contemporaneidade, entrevendo nela o fermento de uma *rinascita religiosa*.

Esse renascer fundamenta-se no fato de que a consciência dos homens e, portanto, da sociedade se sustenta sobre valores duradouros, que remontam a essência de antigos valores cristãos: *Vi sono certezze irriducibili. Queste certezze sono nella mia coscienza certezze cristiane. Esse mi appaiono talmente murate nella realtà umana da identificarsi con essa. Negarle significa disintegrare l'uomo*¹⁷².

O tema da persistência do verdadeiro sustento religioso que analisamos ao desenvolver esse trabalho aparece com mais clareza em *Uscita di sicurezza*: um ensaio autobiográfico, como tivemos a oportunidade de afirmar, bem original, que retrata fatos marcantes da vida do escritor e representa os princípios que sustentam as temáticas presentes nas demais produções. De fato, nessa obra, podemos perceber os fatos emblemáticos que, amadurecidos na sua experiência humana, são retomados e dão substância à narração.

Com a publicação póstuma da história de *Severina*, se esclarece o conceito religioso de Ignazio Silone, embora esse texto tivesse ficado apenas em forma de anotações, no momento de seu falecimento, em 1978. A tarefa de reorganização desse material esteve aos cuidados de Darina Silone, sua esposa que, todavia, acompanhara o escritor durante muitos anos, na convivência e na atividade literária.

A protagonista dessa obra é uma jovem noviça que abandona o convento, participa do movimento de reivindicação em 1968 e é morta numa manifestação reprimida pela polícia.

Na opinião de Carlo Annoni¹⁷³ é evidente a intenção de constituir *Severina* como a porta-voz das instâncias siloniana mais típicas de um socialismo não sujeito às regras do partido e de um cristianismo sustentado pelos valores evangélicos. Aparece, portanto, uma figura agigantada de mulher, representante e

¹⁷¹ SILONE, Ignazio. 2001, p. 122.

¹⁷² Ibidem. p. 145.

¹⁷³ ANNONI, Carlo. 1985, p. 77.

propulsora de uma Igreja encaminhada para um *aggiornamento* em sintonia com as instâncias da sociedade mostradas pelas análises dos trabalhos em preparação do Concílio Ecumênico Vaticano II.

Essa produção siloniana, Severina, não pode ser avaliada pelo seu valor narrativo; todavia, entendemos que seja importante pelo seu valor de testemunho, pois, no posfácio, Darina Silone acrescenta escritos silonianos que podem ser considerados como o testamento do escritor.

É nesse contexto que Silone declara sua profunda proximidade a Cristo, embora permaneça distante da Igreja. Assim explica:

Mi sembra che sulle verità cristiane essenziali si é sovrapposta nel corso dei secoli un'elaborazione teologica e liturgica d'origine storica che le ha rese irricognoscibili. Il cristianesimo ufficiale é diventato un'ideologia¹⁷⁴.

Ainda no prefácio ao *L'avventura d'un povero cristiano*, Silone esclarece o que permanecera da sua experiência socialista e da sua profunda ligação com a religião. O escritor sublinha o que ainda conservava e que permaneceria para sempre desses sentimentos:

Quel che nella mente rimane, stando fuori di ogni chiesa, o partito, non può essere dichiarato in forma di credo e paragrafi: a me sembra che, nell'insieme, per ciò che mi riguarda, esso conservi, malgrado tutto, un carattere cristiano e socialista. [...] Rimane dunque un cristianesimo demitizzato, ridotto alla sua sostanza morale. A bem riflettere e proprio per tutto dire, rimane il Pater Noster [...] e la fedeltà al socialismo¹⁷⁵.

Todavia, as posições assumidas pelo escritor, nos últimos anos de sua vida, em relação ao socialismo e à religião, confirmam as opiniões acima expostas ao se definir nas famosas frases: *socialista senza partito e cristiano senza Chiesa*.

Silone promove dessa forma, a junção do cristianismo e do socialismo, de maneira que esses representem o encontro entre duas heranças com o que elas têm de positivo.

Ao finalizar esse capítulo gostaríamos de trazer para os leitores esse trecho, que bem poderia representar a testamento de Ignazio Silone:

¹⁷⁴ SILONE, Ignazio. *Severina*. Milano: Arnoldo Mondadori editore. 1981

¹⁷⁵ Idem. 2006, p.26.

Spero di non ferire e di non deludere nessuna persona che mi ami. Mi pare di aver espresso a varie riprese, con sincerità, tutto quello che sento di dovere a Cristo e al suo insegnamento. Riconosco che, inizialmente, m'allontanò da lui l'egoismo in tutte le sue forme, dalla vanità alla sensualità.

Forse la privazione precoce della famiglia, le infermità fisiche, la fame, alcune predisposizioni naturali all'angoscia e alla disperazione, facilitarono i miei errori. Devo però a Cristo e al suo insegnamento, di essermi ripreso, standomene esteriormente lontano [...]. Ma il ritorno, non é stato possibile [...] ¹⁷⁶.

São essas as últimas palavras que o escritor abrucês deixou escritas para sempre, impressas no coração do seu povo e nas rochas de sua terra. De fato, por expresso desejo de Ignazio Silone, foi sepultado *ai piedi del vecchio campanile di San Berardo*, a Pescina, com a ampla vista do vale do Fucino.

Dessa forma, o escritor abrucês deixou escrito numa pedra, das áridas montanhas da Mársica, seu último desejo. Aquela terra-mãe que lhe deu as origens, agora o acolhe como seu próprio filho em seu retorno completo e definitivo.

¹⁷⁶ SILONE, Ignazio. 1981, p. 108.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da narrativa do religioso em *Vino e pane* de Ignazio Silone, escritor italiano do século XX, foi o principal objetivo do presente trabalho.

Nessa tarefa sentimos a necessidade de reforçar o percurso histórico da Itália do século XX confrontando sua posição com a de outros países do continente europeu. Esse confronto não só nos permitiu entender o contexto sociocultural italiano e o fazer literário dos escritores da Península, como nos favoreceu a rever a posição da crítica italiana a respeito da produção literária de Ignazio Silone. O recorte histórico foi importante, porque pudemos, através dele, compreender as situações discutidas nos romances silonianos em pleno período do regime fascista.

No primeiro capítulo, foi possível acompanhar os primeiros passos do texto siloniano, visitando questões ligadas ao seu fazer literário. Nosso olhar examinou com atenção a recusa e aceitação da narrativa desse escritor por parte da crítica italiana, que deu origem ao primeiro “caso Silone”.

A esse respeito sublinhamos que o “caso Silone” não vai se encerrar porque sempre será um chamamento para quem queira se colocar a favor dos direitos fundamentais do homem, em qualquer lugar e continente, sobretudo se consider o caso suscitado por Biocca (2000).

No segundo capítulo, nossa atenção se focalizou sobretudo em *Vino e pane* que na construção das personagens, das paisagens e das tradições criou verdadeiros retratos do universo abrucês, contado por Ignazio Silone. Desse universo ficcional surgiu a figura emblemática de Pietro Spina, símbolo maior da produção siloniana, que foi por nós examinado através das fundamentações teóricas de Mikhail Bakhtin em relação à pluralidade de vozes presente no romance siloniano.

Consideramos, nesse sentido, muito valiosas as contribuições oferecidas pelos estudos de Doris Nátia Cavallari que com propriedade leu a narrativa siloniana à luz do supracitado teórico russo. Por outro lado, o trabalho de Flora de Paoli Faria nos ajudou na busca do processo de retorno à terra dessa personagem siloniana.

Foram importantes, também, para uma avaliação da produção siloniana, os estudos de Carlo Annoni, Giuliana Rigobello, Sebastiano Martelli e Salvatore Di Pasqua que em seus textos realizaram uma ampla pesquisa sobre os romances do

escritor abrucês. Suas contribuições nos auxiliaram no exame da simbologia que estrutura a narrativa siloniana, principalmente no que se refere à questão da religiosidade presente em todos os seus textos.

Outros subsídios que trazem artigos e entrevistas, como revistas e publicações do Centro Studi Ignazio Silone de Pescina (Aq), nos foram de grande utilidade para traçar um quadro sobre a situação atual dos estudos sobre Silone, na Itália e fora dela.

A religiosidade siloniana e o texto literário foram o objeto maior de nossa pesquisa, enfocados especialmente no terceiro capítulo. A presença desses elementos mostra a profundidades dos valores ligados à religião católica, que, por isso aparecem nos romances de Ignazio Silone.

Em *Vino e pane*, tais marcas da religiosidade são identificadas através das citações de textos sagrados, como latinismos, narração de tradições que, muitas vezes, mostram uma religiosidade popular impregnada de superstição. Por outro lado, aparecem na narrativa ,valores religiosos professados pelas personagens, mas não ligados à Igreja institucional ou a representantes da mesma.

Nossa pesquisa nos mostrou que a religiosidade siloniana se distancia da religião católica e de seus dogmas. O sentimento religioso que inspirou a caminhada literária de Silone aponta o reconhecimento de um sentimento que se transformou em ideologia. Esse sentimento só pode ser recuperado por meio da retomada dos valores existentes no cristianismo primitivo, aquele que até hoje, ousamos dizer, anima o coração simples do povo abrucês.

O nosso escritor confia à personagem central de *Vino e pane*, Pietro Spina, sua própria reivindicação de liberdade de toda e qualquer superestrutura, seja política ou religiosa, e que seja obstáculo para o exercício da liberdade do homem.

A esse propósito gostaríamos de terminar essa Dissertação com um pensamento que resume, em nossa opinião, a postura de Ignazio Silone em relação a tudo que pode limitar a liberdade que é própria do ser humano, embora sublinhe que a liberdade é uma conquista e tarefa de cada um:

La liberta non è una cosa che si possa ricevere in regalo. Si può vivere anche in un paese di dittatura ed essere libero, a una semplice condizione, basta lottare contro la dittatura. L'uomo che pensa con la propria testa e conserva il suo cuore incorrotto, è libero. L'uomo che lotta per ciò che egli ritiene giusto, è libero. Per contro, si può vivere nel paese più democratico della terra, ma se si è

interiormente pigri, ottusi, servili, non si è liberi; malgrado l'assenza di ogni coercizione violenta, si è schiavi. Questo è il male, non bisogna implorare la propria libertà dagli altri. La libertà bisogna prendersela, ognuno la porzione che può.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. *Teoria da Literatura*. 2ª ed. Coimbra: Almedina, 1969.
- ANNONI, Carlo. *Invito alla lettura di Silone*. Milano: U. Mursia editore, 1985,
- ASOR ROSA, Alberto. *Storia della Letteratura Italiana*. Firenze: La Nuova Italia, 1986.
- BARBARO, Umberto. *Neorealismo e realismo*, 2 v: Roma: Editori Riuniti, 1976.
- BARBERI SQUAROTTI, Giorgio. *La narrativa italiana del dopoguerra*. Bologna: Cappelli, 1965.
- BASSO, Lelio. *Scritti sul Cristianesimo*. Casale Monferrato (AI): Casa Editrice Marietti, 1983.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Editora da UNESP/HUCITEC, 1988.
- BENJAMIN, Walter, *Obras escolhidas, Magia e técnica, Arte e política*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1996.
- BERNARDELLI, Andrea. *La narrazione*. Bari: Laterza, 1999.
- BIONDI, Liliana. *Breve rassegna sulla critica estera 1933-1978*. In: *Ignazio Silone, dal piccolo mondo alla grande storia*. Dir. Giovanni Ruscitti. Regione Abruzzo, n.33/2006.
- BO, Carlo. *L'avventura di un povero esule in patria*. In: *Ignazio Silone, dal piccolo mondo alla grande storia*. Dir. Giovanni Ruscitti. Regione Abruzzo, n.33/2006.
- BORRI, Gianfranco. *Il peso della grazia e la fertilità del dubbio*. In: *Lecture siloniane*. Biennio 1994/1996. Vol. IV. Dir. Liliana Biondi. L'Aquila 1999.
- BOURNEUF, Roland; OUELLET, Réal. *L'universo del romanzo*. Torino: Einaudi, 2000.
- CAVALLARI, Doris Nátia. *A arte de representar o outro: Silone e a criação de um universo polifônico*. Tese de Doutorado. São Paulo: UNESP, 2000.

- CHAUVET, Louis-Marie. *Linguaggio e simbolo. Saggio sui sacramenti*. Leumann (To): Editrice Elle Di Ci, 1982
- DARDANO, Maurizio e TRIFONE, Pietro. *La nuova grammatica della lingua italiana*. Milano: Zanichelli Editore S.p.A. 2001,
- DEVOTO, Giacomo. *Dizionario Etimologico – Avviamento alla etimologia italiana*. Milano: Edizione CDE S.p.A. 1968.
- Dicionário Martins Fontes Italiano-português. Coord. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- DI NICOLA, Giulia Paola; DANESE, Attilio. *Silone, percorsi di una coscienza inquieta*. L'Aquila: Fondazione Ignazio Silone, 2006.
- DI NUCCI, Floriana. *Analisi del linguaggio politico in "Uscita di sicurezza" di Ignazio Silone*. Tesi di Laurea. Regione Abruzzo, Centro Studi Ignazio Silone, 2005.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes. 1994.
- ESPOSITO, Vittoriano. *Ignazio Silone: la vita, le opere, il pensiero*. Roma: Edizioni dell'Urbe, 1980.
- _____. *Questioni siloniane (vecchie e nuove)*. Avezzano: Ed. Marsica Domani, 2003.
- _____. *Silone e la centralità dell'uomo*. In: *Prospettiva persona*, Dir. Danese, Attilio. n. 59/07.
- FARIA DE PAOLI, Flora. *Silone e a emergência do poético (Um trajeto do panfleto ao texto)* Tese de Doutorado. Rio de Janeiro 1991.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio – O dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1999.
- GALANTE, Pasquale. *Una grande cronaca neorealista*. In: *Ignazio Silone, dal piccolo mondo alla grande storia*. Dir. Giovanni Ruscitti Regione Abruzzo, n.33/2006.
- GENETTE, Gerárd. *Figure III. Discorso del Racconto*. Torino: Einaudi, 2006.
- _____. *Figure. Retorica e Strutturalismo*. Torino:Giulio Einaudi Editore, 1969.
- GUERRIERO, Elio. *Inquietudine e utopia: il romanzo umano e cristiano di I. Silone*, Milano: 1990: Edizioni Paoline, 1990.

- GURGO, Ottorino; DE CORE, Francesco. *Silone – L'avventura di un uomo libero*. Venezia: Marsilio, 1998.
- LAURET, Bernard; REFOULÉ, François (Dir). *Iniziazione alla pratica della teologia*. Vol.I, Ed. Italiana dir. Carlo Molari. Brescia: Editrice Queriniana, 1986.
- MARCHESE, Angelo. *L'officina del racconto. Semiotica della narratività*. Milano: Mondadori, 1987.
- MARTELLI, Sebastiano; DI PASQUA, Salvatore. *Guida alla lettura di Silone*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1988.
- MASCIARELLI Maria Grazia, *L'utopia di Ignazio Silone*, Chieti: Marchionne Editore, 1978.
- MOSCARDELLI, Maria. *La coperta abruzzese - Il filo della vita di Ignazio Silone* Roma: Aracne Editrice, 2004.
- PELLINI, Pierluigi. *La descrizione*. Bari: Laterza, 1998.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de Narratologia*. 7ª Ed. Coimbra: Almedina, 2000
- RIGOBELLO, Giuliana. *Ignazio Silone. Introduzione e guida allo studio dell'opera siloniana. Storia e Antologia della critica*. Firenze: Le Monnier, 1981 (Seconda ristampa aggiornata).
- RONCORONI, Federico. *Lingua, Storia e Società, dall'inizio dell'Ottocento ai giorni nostri*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore S.p.A., 1985,
- SACCO, Paolo, *Testi e contesti. Moduli di letteratura e cultura*. Varese: Edizioni Scolastiche Bruno Mondadori, 2003. Vol.2.
- SCALABRELLA, Silvano. *Il paradosso Silone. L' utopia e la speranza*. Roma: Edizioni Studium, 1998.
- SEGRE, Cesare. *Tempo di bilanci. La fine del Novecento*. Torino: Einaudi, 2005.
- SILONE, Ignazio. *Vino e pane*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 2004.
- _____ . *Fontamara*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore Mondadori, 2006.
- _____ . *Uscita di sicurezza*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 2001,

_____ . *Il seme sotto la neve*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 2006.

_____ . *Severina*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1981.

_____ . *L'avventura d'un povero cristiano*. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 2006.